



UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO DE JANEIRO  
CENTRO DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS  
ESCOLA DE COMUNICAÇÃO  
JORNALISMO

**LITERATURA BRASILEIRA NA TELA: DO JORNAL E DO  
LIVRO AO MEIO VIRTUAL**

RENATA LEAL DA CRUZ

Rio de Janeiro

2009



UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO DE JANEIRO  
CENTRO DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS  
ESCOLA DE COMUNICAÇÃO  
JORNALISMO

**LITERATURA BRASILEIRA NA TELA: DO JORNAL E DO  
LIVRO AO MEIO VIRTUAL**

Monografia submetida à banca de Graduação  
como requisito para obtenção do diploma de  
Comunicação Social – Jornalismo.

**RENATA LEAL DA CRUZ**

**Orientador: Prof. Dr. Eduardo Granja Coutinho**  
**Co-orientador: Prof. Augusto Henrique Gazir**

Rio de Janeiro  
2009

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO DE JANEIRO

ESCOLA DE COMUNICAÇÃO

**TERMO DE APROVAÇÃO**

A Comissão Examinadora, abaixo assinada, avalia a Monografia Literatura brasileira na tela: do jornal e do livro ao meio virtual, elaborada por Renata Leal da Cruz.

Monografia examinada:

Rio de Janeiro, no dia ...../ ...../ .....

Comissão Examinadora:

Orientador: Prof. Dr. Eduardo Granja Coutinho

Doutor em Comunicação pela Escola de Comunicação – UFRJ

Departamento de Comunicação UFRJ

Prof. Dra. Ana Paula Goulart Ribeiro

Doutora em Comunicação pela Escola de Comunicação – UFRJ

Departamento de Comunicação UFRJ

Prof. Augusto Henrique Gazir

Professor substituto da Escola de Comunicação – UFRJ

Rio de Janeiro

2009

Cada novo médium transforma a mentalidade coletiva, imprimindo-se no relacionamento das pessoas com seus corpos, consciência e ações.

Hans Ulrich Gumbrecht

Hoje temos no mundo digital um novo suporte, a tela do computador, e uma nova prática de leitura, muito mais rápida e fragmentada. Ela abre um mundo de possibilidades, mas também muitos desafios para quem gosta de ler (...)

Roger Chartier

CRUZ, Renata Leal da. **Literatura brasileira na tela: do jornal e do livro ao meio virtual.** Eduardo Granja Coutinho. Comunicação Social – Jornalismo. Escola de Comunicação, Universidade Federal do Rio de Janeiro, 2009.

## **RESUMO**

Estudo da literatura em contato com três diferentes suportes - jornal, livro e computador. Apresentação do jornal como ponto de impulso da literatura no século XIX até meados do XX. Mostrar que com a “desliteraturização” dos jornais, no período de profissionalização desses periódicos, a literatura migrou para os suplementos. O livro entra como o objeto consagrado para a expressão da literatura. As páginas dos livros conquistam os leitores para a arte literária. Outro aspecto de abordagem é que até os livros, a literatura vai ter como suporte principal o papel, ou seja, os meios impressos. Com a digitalização de obras, a tela passa a ser uma nova possibilidade de suporte literário. O trabalho vai apontar o computador em rede como um espaço que vai além da leitura na tela. O meio digital é analisado como um lugar a mais para a literatura, onde autores e novidades estéticas podem surgir.

# **SUMÁRIO**

## **1. INTRODUÇÃO**

## **2. DESLITERATURIZAÇÃO DOS JORNAIS**

- 2.1 Literatura no jornal
- 2.2 A deslitteraturização
- 2.3 A “suplementização” da literatura

## **3. LIVRO – SUPORTE CONSAGRADO**

- 3.1 A difícil conquista dos leitores
- 3.2 Do códex aos leitores
- 3.3 Quando entra o digital

## **4. LITERATURA NA TELA**

- 4.1. Do códex para a tela
- 4.2 A internet como espaço para a literatura
- 4.3 Internet – um breve histórico
- 4.4 Produção literária na internet
  - 4.4.1 Literatura nos blogs
  - 4.4.2 Site Cronópios: espaço para a expressão literária

## **5. CONCLUSÃO**

## **6 REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS**

## 1. INTRODUÇÃO

A literatura é definida no dicionário em mais de cinco conceitos, um deles é: “arte de compor ou escrever trabalhos artísticos em prosa e verso”. Uma das condições para um texto ser literatura é a linguagem, o arranjo das palavras, já que nem tudo que é texto é literatura. Não há uma definição apenas para literatura. É mais fácil definir até, o que não é literatura, porque todo texto que tenha por traz uma expressão artística, polivalente, pode ser encarado como literário.

O objeto desse trabalho é a literatura e aqui abro, neste ponto, para o uso de primeira pessoa para explicar essa escolha. O fato de eu cursar também Letras – Português/Literaturas fez com que a literatura surgisse no tema como um ponto de ligação entre assuntos do conhecimento de Letras e de Comunicação.

O objetivo dessa pesquisa de final de curso é pensar a literatura na tela, no computador, a partir de relações entre literatura, jornal e livro. O jornal é visto como veículo que já lançou obras de literatura e que hoje tem, principalmente, com os suplementos literários, a função de divulgação e crítica dos lançamentos dos livros. O livro, como suporte consagrado da literatura, é encarado como o portador da arte literária. E por fim, a internet é tomada como o meio que se abre proporcionando novo espaço e novas possibilidades de expressão para a literatura.

O caminho a ser seguido até a “literatura na tela” passa pelos suportes jornal e livro. Entre os três suportes, jornal, livro e computador, não há a intenção de estabelecer comparações anacrônicas, mas de apresentar perspectivas históricas que levem à reflexão do computador em rede como um novo meio para a literatura.

O que se pretende a partir dos capítulos sobre livro e jornal, é pensar que com os espaços que a literatura foi perdendo (e também com a sociedade que se configura na era do virtual), a literatura na internet venha a se mostrar como um lugar aberto a novas experiências literárias. O trabalho não colocará como hipótese o fim do livro, ou o fim do jornal, a partir da entrada da web na literatura.

A relação da literatura com os meios é um ponto que será refletido na pesquisa. E a internet se coloca nesse lugar onde ainda existem hesitações, diante das novas possibilidades que o virtual parece permitir. A preocupação da influência dos meios na escrita não é de hoje, Sussekind em *Cinematógrafo de Letras* investiga a história da literatura brasileira e leva em conta as relações com o meio, cujas inovações e

transformações afetam tanto a consciência de autores e leitores quanto as formas e representação literárias propriamente ditas. Além disso, enfoca a literatura brasileira produzida em fins do século XIX e nos anos 20 do século XX, em décadas de modernização, diante de suas hesitações por causa do horizonte técnico que se forma.

A maior dificuldade do projeto foi pensar nas construções da literatura com a internet, tendo em vista que o ambiente da rede é muito amplo e as relações entre rede e a arte literária ainda não são completamente sólidas. Além disso, houve de início dificuldade em encontrar materiais que relacionem internet e literatura. E ainda mais, as pesquisas encontradas são, na grande maioria, voltadas para o estudo de Letras.

O primeiro capítulo, sobre jornal, faz um recorte em três períodos da relação dos periódicos com a literatura. O folhetim, no séc XIX, a *Belle Époque* brasileira, que se convencionou datar a partir da Proclamação da República, e os anos de 1950, com a industrialização dos periódicos e a adoção do modelo norte-americano de jornalismo.

Para a realização do recorte desses três períodos é possível destacar também três textos que são de importante apoio. Cristiane Costa, em “Pena de Aluguel”, compara a história da literatura e da imprensa brasileira e a relação do escritor com o jornal, com o afastamento desses dos periódicos. Brito Broca, em “A Vida Literária no Brasil – 1900”, escreve sobre a formação dos homens de Letras na *Belle Époque*. Ana Paula Goulart, em seu artigo “Jornalismo, cultura e política” ajuda na compreensão sobre o processo de profissionalização do jornalismo que acontece nos anos 1950. Depois do histórico das relações entre escritores e jornal, o espaço da literatura será abordado em vista dos suplementos literários, tomando como base, principalmente, os estudos de Isabel Travancas.

O capítulo “Livro – suporte consagrado” mostrará como o objeto passou a ser um suporte convencional para a leitura de textos impressos. Será atribuída a essa consagração do livro a passagem do rolo ao códex, livros manuscritos que vieram a substituir o rolo de pergaminho. No capítulo sobre livro os textos de Marisa Lajolo e Regina Zilberman são um importante instrumento para a conexão entre livro, leitores e leitura. Chartier como historiador que pensa os livros frente as novas tecnologias, vai ajudar a se pensar, de maneira atrelada, livros e textos digitais.

A última parte do trabalho, “Literatura na tela”, apresenta a literatura e as suas relações com o espaço do computador e da web. A literatura será vista como uma estética para além da digitalização das obras na tela do computador, ou seja, da transposição do livro, para a tela. A literatura na tela está ligada à convergência de



mídia, do uso dos blogs, dos sites, das ferramentas de comentários; da internet como interação, divulgação e criação.

Em se tratando de diferentes suportes para a literatura, o meio virtual se torna o espaço da novidade, da experimentação e das incertezas. O computador em rede tem um contato recente com a literatura e talvez por isso, ainda não seja possível saber tudo o que a internet poderá proporcionar e quem sabe até adicionar à estética literária.

Os escritores podem hoje interagir e disponibilizar seus textos pela internet. A internet, como uma gigantesca rede mundial, espalha pelo globo em diversos sites e blogs essas obras literárias. São muitos autores, com qualidades diversas de textos, que tentam conseguir um público leitor e querem divulgar suas obras pela web..

O jornal é um espaço, sobretudo, para as obras que já tenham alguma notoriedade, já o livro, se faz necessário que haja o interesse de editores na sua produção, e a web, por outro lado, se mostra como um lugar alternativo para que escritores apareçam na cena literária.

O *blog* é a ferramenta mais usada por escritores que desejam lançar seus textos pelo meio virtual. Na cena literária dos blogs há espaço para diferentes perfis de escritores. E para buscar entender um pouco sobre a produção atual realizada na internet, foram analisados alguns desses autores, com diferentes interações com a rede e a literatura.

Daniel Galera e Charah Averbuck são escritores que tiveram contato com a internet desde a década de 90. Ambos colaboraram, junto com outras pessoas, de 1998 até 2001, no COL, como é chamado um mailzine eletrônico, sem imagens e sem formatação. Tanto Galera quanto Averbuck são apresentados no capítulo “Literatura na tela”. Os dois foram escolhidos não porque são escritores que atuam propriamente em blogs, já que recentemente ambos estão com os blogs inativos, mas como parte de um grupo que na virada do século XX para o atual, trouxe vigor a uma literatura brasileira que retomava fôlego caracterizando-se, sobretudo, segundo Beatriz Resende, por múltiplas possibilidades.

É a partir dessas “múltiplas possibilidades” da literatura brasileira que esses dois autores, além de outros quatro escritores, são analisados no último capítulo. A internet como meio de possibilidades é apresentada a partir dos diferentes perfis dos escritores selecionados para a análise: Ana Paula Maia, Fabricio Carpinejar, Alex Castro e Samir Mesquita.

Ana Paula Maia lançou o seu primeiro romance em 2003 pela editora 7 Letras, antes de começar a ter o seu blog, o *Killing Travis*. O seu segundo Romance ficou a espera de uma editora por dois anos e foi publicado em 2007, pela Língua Geral. Agora em 2009, a escritora está lançando o seu terceiro livro pela Record. O *Entre rinhas de cachorros e porcos abatidos* é baseado no folhetim *pulp* que Maia começou a disponibilizar na internet em 2005 e teve um bom número de acessos do público.

Fabrizio Carpinejar, poeta, cronista e professor, tem em seu blog uma ferramenta de aproximação com o público leitor. O capítulo “Literatura na tela” também apresenta o escritor Alex Castro, que além de ter o blog, “Liberal, Libertário, Libertino”, onde disponibiliza trechos de seus textos, vende os seus livros em e-books, formatos PDF no computador. E ainda o publicitário Samir Mesquita, é apresentado como um autor que divulga suas obras pela internet, e se utiliza de animação para apresentar os seus contos. Todos esses autores serão abordados mais detalhadamente, na parte sobre blogs, no capítulo “Literatura na tela”.

Como fonte para pesquisas sobre a literatura e a web, Beatriz Resende é uma autora chave, já que no seu livro mais recente sobre as expressões da literatura brasileira no século XXI, reserva um lugar para o que chama de “literatura sem papel”. Os sites e os blogs dos autores também foram ferramentas fundamentais para o desenvolvimento do capítulo.

Na continuação da análise da produção na internet, o site Cronópios é escolhido como a melhor página do momento que dialoga com a literatura contemporânea e também de outros tempos. O Cronópios tem resenhas, colunistas e artigos que outros sites sobre literatura também possuem, mas além disso, ele disponibiliza e-books, revista digital, uma área para crianças, uma TV pela internet, a TV Cronópios, e outros links que fazem da página um lugar de convergência de vários recursos de conhecimento, entretenimento e comunicação.

O objetivo, do último capítulo será, então, mostrar as diversas relações possíveis da literatura com a internet, uma dinâmica que não se resume somente a leitura na tela. A web abre para experimentações de estéticas e a convergência de mídias, o que não permite prever como a literatura vai se colocar no meio virtual.

Silviano Santiago acredita que as mutações que a noção da produção textual traz para o espaço canônico da literatura são de tal modo impulsionadas pela velocidade (qualidade por excelência dos tempos modernos desde os manifestos futuristas) que fica difícil de fazer o mapeamento das várias formas textuais que surgiram como literárias

e/ou artísticas e permaneceram ou desapareceram. A literatura na tela não se coloca como uma estética fechada, são formas de textos que surgem e experimentam as possibilidades do meio virtual como suporte literário.

## 2. DESLITERATURIZAÇÃO DOS JORNAIS

Antes de chegar propriamente em literatura na tela, o jornal será trazido como um importante meio de suporte e divulgação da escrita literária.

Na relação entre literatura e jornal no Brasil vale destacar três momentos-chave: o primeiro, na primeira metade do século XIX, com a colaboração folhetinesca nos jornais, o segundo momento, a *Belle Époque*, com a profissionalização dos escritores, e o terceiro seria o jornalismo em fase de profissionalização, que chegou ao país com forte influência norte-americana, nos anos 1950 e marcou a “desliteraturização” dos jornais. Se na primeira fase o escritor jornalista ocupava quase ao mesmo tempo o espaço no jornal e na vida literária, a partir da virada do século XX a literatura começa a se constituir como um campo em separado, em que um ideal de arte pura se contrapõe à possibilidade de profissionalização, sinônimo de massificação do texto jornalístico.

Segundo Silviano Santiago, a história da imprensa escrita na sociedade burguesa ocidental é a história da sua desliteraturização. “Isso a que se chama tradicionalmente literatura vem perdendo, de maneira sistemática no correr dos últimos séculos, o seu lugar, função, prestígio e poder na imprensa diária semanal.”<sup>1</sup>

A literatura neste capítulo será pensada sobre o prisma dos seus diferentes contatos com a imprensa, do século XIX até os dias de hoje.

### 2.1 Literatura no Jornal

A literatura brasileira já teve o jornal como um meio de suporte de suas obras. No Brasil, até a segunda metade do século XX, jornalismo e literatura se confundiam (RIBEIRO, 2007). Como não havia um mercado de livros<sup>2</sup>, principalmente de obras literárias, o jornal era para os escritores, o principal veículo de acesso aos leitores.<sup>3</sup> Além disso, o alto custo dos livros e as dificuldades editoriais também levavam os escritores para as redações. O jornalismo literário<sup>4</sup> foi particularmente importante no país, sobretudo porque os jornais eram o principal meio de divulgação das obras literárias.<sup>5</sup>

---

<sup>1</sup> SANTIAGO. O Cosmopolitismo do pobre. Pág.159

<sup>2</sup> No início do século XIX circulavam no país principalmente livros científicos e religiosos, mas também havia romances importados.

<sup>3</sup> RIBEIRO Página 221.

<sup>4</sup> Termo usado por ARNT para se referir a um jornalismo com forte contribuição literária.

<sup>5</sup> ARNT. Página 17

Foi só depois da chegada da família Real<sup>6</sup> ao país que houve realmente o início da formação de um público leitor, que mesmo ainda pequeno, começou a incluir jovens e mulheres à cultura letrada. Por causa dos custos e da dificuldade de acesso à editoras, a expressão literária por folhetins era a mais popular. Como a literatura no início do século XIX era ainda incipiente, os folhetins eram uma maneira de se fazer literatura em um país com um mercado editorial ainda nascente e dominado por grupos estrangeiros.

Jornais e revistas estavam cada vez mais presentes e indispensáveis na vida cotidiana das pessoas letradas. A força que a imprensa ia assumindo como veículo ideal da expressão moderna, levou muita gente a defender a tese de que o jornal decretaria o fim do livro, assim como hoje há quem julgue que os meios de comunicação eletrônica fulminem a literatura de ficção. (MACHADO,2001:41)

Por volta de 1840, a capital do Império passa a exhibir alguns traços necessários para a formação e fortalecimento de uma sociedade leitora: estavam presentes os mecanismos mínimos para a produção e circulação da literatura, como tipografias, livrarias e bibliotecas. Mas a escolarização ainda era precária.<sup>7</sup> Alguns escritores lutavam para conseguir conquistar o seu público leitor e para consolidar, portanto, um espaço para as suas obras. Lajolo e Zilberman<sup>8</sup> afirmam que a forma como autores e narradores do Romantismo brasileiro apresentam-se diante do leitor, nos livros de ficção, é sintomática dos cuidados tomados diante desse público incipiente. Os narradores dos romances procuravam levar o leitor pela mão, explicavam e resumiam capítulos, diziam os próximos passos do personagem e mantinham um diálogo com o leitor constante durante a narrativa. No final de cada fragmento do folhetim os escritores usavam como estratégia para manter o público atento, prometer a continuação da história, assim como na abertura de novos capítulos recapitulava de modo sintético o que já havia sido lido. Manuel Antônio de Almeida ao publicar em 1852-1853, *Memórias de um sargento de milícias* em folhetim, na imprensa carioca, é bem sucedido, mas quando lança o texto em livro nos anos seguintes, experimenta notável fracasso. Para Lajolo e Zilberman a

---

<sup>6</sup> Nas primeiras décadas dos oitocentos foram abertas bibliotecas e gabinetes de leituras, onde os livros eram alugados por preços acessíveis.

<sup>7</sup> LAJOLO E ZILBERMAN. A formação da Leitura no Brasil. Pág 18

<sup>8</sup> Idem

postura dos escritores é representativa do empenho em tratar o leitor como ser frágil e despreparado.<sup>9</sup>

Era por meio do folhetim que escritores como Manuel Antônio de Almeida, José de Alencar, Joaquim Manuel de Macedo se aproximavam dos leitores. Os folhetins eram histórias de leitura rápida, publicadas todos os dias nos jornais em espaços determinados e destinados ao entretenimento. Esse gênero foi importado da França, e com o gradual desenvolvimento das cidades, em especial o Rio de Janeiro, ocasionou a criação de inúmeros jornais diários, encontrou amplo espaço de publicação na capital do Império, e no interior do país.<sup>10</sup> Tanto na França, onde nasceu, em 1836, quanto no Brasil, o romance folhetim passou a compor o cotidiano e o imaginário dos leitores. Este fenômeno se deu ao mesmo tempo à publicação de jornais, daí a dificuldade de se saber quem mais se beneficiou da importância do outro: o veículo ou o instrumento, pois se tratou de uma importante relação de troca.<sup>11</sup>

Para os jornais era conveniente essa relação com os folhetins, já que o público aumentou depois dessas publicações. Com os romances fracionados diariamente, o folhetim chegou a ser, por algumas vezes, a base de vendas dos jornais. José de Alencar foi um dos literatos que adquiriu fama com a sua produção publicada nos periódicos. No texto “Como e porque sou romancista”, o escritor conta como começou a sua carreira:

Em fins de 1856, achei-me redator-chefe do *Diário do Rio de Janeiro*. É longa a história dessa luta, que absorveu cerca de três dos melhores anos de minha mocidade. Aí se acrisolaram as audácias, que desgostos, insultos nem ameaças conseguiram quebrar até agora; antes parece que as afiam com o tempo. Ao findar o ano, houve idéia de oferecer aos assinantes da folha um mimo de festa. Saiu um romancete, meu primeiro livro, se tal nome cabe a um folheto de sessenta páginas.<sup>12</sup>

Mas no Brasil do século XIX, a maioria dos escritores não conseguia viver de sua produção literária. Havia o empecilho do aparecimento tardio da imprensa, as dificuldades técnicas e ainda o pior: a população até o final daquele século contava com 70% de analfabetos.<sup>13</sup> João do Rio lembra como no tempo do Romantismo funcionava a venda direta dos livros: “se manda[va] vender como José de Alencar e Manoel de

---

<sup>9</sup> LAJOLO E ZILBERMAN. A formação da Leitura no Brasil. Pág 18

<sup>10</sup> REIS. Disponível em [http://www.caminhosdoromance.iel.unicamp.br/estudos/abralic/textos/ana\\_reis.doc](http://www.caminhosdoromance.iel.unicamp.br/estudos/abralic/textos/ana_reis.doc)

<sup>11</sup> IDEM

<sup>12</sup> Disponível em: <http://elizianecoracao.wikispaces.com/Como+e+porque+sou+romancista>

<sup>13</sup> LAJOLO E ZILBERMAN. A formação da Leitura no Brasil. Pág 64

Macedo por um preto de balaio no braço, as suas obras de porta em porta como melancias ou tangerinas”<sup>14</sup>

A geração nova - de 1900 - surgia em um clima diferente, em que já não se compreendia a atitude do artista morrendo de fome<sup>15</sup> do escritor sacrificando tudo pelo ideal literário e fazendo uma própria vitória do seu desajustamento no ambiente social.<sup>16</sup> Do Romantismo de José de Alencar à *Belle Époque* de João do Rio, processou-se uma grande mudança no papel social do escritor.<sup>17</sup> O homem de Letras ganhou prestígio e um prestígio que a só a literatura podia lhe dar. Antes mesmo do início do período da *Belle Époque*, Machado de Assis, jovem mulato e pobre se firmou como um dos maiores escritores brasileiros em uma sociedade escravocrata. Cristiane Costa diz que Machado seguiu a mesma estratégia de escritores jornalistas marcados pela cor, entrou nos salões de literatura pela porta de serviço: o jornalismo.

Através das publicações nas páginas dos periódicos, escritores passavam a viver de literatura no país. Na virada do século, foi para o jornalismo que se dirigiram a maior parte dos homens de letras, pois na época a vida intelectual era dominada pela imprensa, principal instância de produção cultural da época e que fornecia a maioria das gratificações e posições intelectuais.<sup>18</sup> Olavo Bilac, apesar de ter sido uma espécie de best-seller da poesia, com tiragens de até 4 mil exemplares, não mantinha seus luxos no Brasil e na Europa com os livros. Assim como para boa parte do meio intelectual de então, era o jornal e não o livro que pagava as contas do escritor no fim do mês.<sup>19</sup> Naquela época, segundo Costa<sup>20</sup>, os jornais e revistas tinham como trunfo servirem de trampolim para os homens de letras, encarregando-se do recrutamento, da visibilidade e dos mecanismos de consagração dos escritores.

Costa descreve a *Belle Époque* tropical<sup>21</sup> como um período de estagnação literária, em termos estritamente estéticos, mas que desenvolveu, por outro lado, as condições sociais para a profissionalização do trabalho intelectual e também para a sua massificação. Ao contrário do que sonhavam os escritores, porém essa

---

<sup>14</sup> IN LAJOLO E ZILBERMAN. Pág. 68

<sup>15</sup> Termo usado por COSTA e BROCA.

<sup>16</sup> BROCA. A vida literária no Brasil - 1900 Pág. 49

<sup>17</sup> COSTA. Pág. 27.

<sup>18</sup> SUSSEKIND. Cinematógrafo de Letras Pág. 74.

<sup>19</sup> IDEM. Pág 48

<sup>20</sup> Pena de Aluguel

<sup>21</sup> No período da belle époque, segundo El Far, os editores renunciavam ao comércio das edições de luxo para investir nas edições de baixo custo. Na última década do século XIX a sociedade carioca viu crescer uma camada urbana, variada e alfabetizada que foi notada com apreço pelos comerciantes de livros.

profissionalização se daria não por meio da arte, a literatura, mas do jornalismo a indústria (COSTA). Toda a literatura da Belle Époque acaba se relacionando direta ou indiretamente com as novas tecnologias de impressão e reprodução. Elas não apenas coincidiram com a profissionalização dos escritores, como foram fundamentais para que isso acontecesse. Entre 1840 e 1910, as técnicas de impressão, viveram um aperfeiçoamento sem precedentes em todo o mundo permitindo uma diagramação mais sofisticada. E era na Literatura que essa indústria encontraria mão-de-obra previamente qualificada.<sup>22</sup>

As penas jornalística e literária confundiam-se a ponto de João do Rio, em 1905, fazer uma enquete com vários escritores e jornalistas, onde, entre outras questões, perguntava: “O jornalismo, especialmente no Brasil, é um fator bom ou mau para a arte literária?”<sup>23</sup> Para alguns escritores, o jornalismo tinha como utilidade fundamental para a arte literária apenas dar ao literato um emprego. Vários autores apresentavam uma relação ambígua frente ao trabalho em jornal. Bilac, colaborador da imprensa, segundo Costa, podia ser comparado a uma “prostituta”, o que simbolicamente figurava a sua relação com o mercado. Por outro lado, se o autor não tivesse próximo ao mercado, esbarraria “no velho fantasma” do escritor em farrapos.

Apesar de inúmeras críticas contra os jornais e a industrialização da arte, Brito Broca declara que era injusto negar o papel do jornalismo no desenvolvimento da literatura brasileira, “ela podia e pode ser praticada sem nenhum prejuízo para a arte literária, tivemos um exemplo expressivo no caso de Machado de Assis, que não só foi cronista como redator parlamentar e até, durante algum tempo, tarimbeiro de redação.”<sup>24</sup>

Quando o jornalismo começou realmente a mudar, não cabiam mais realmente nas publicações aqueles escritores dos folhetins e a linguagem mais rebuscada, metaforizada e subjetiva. A partir de 1900 os jornais passaram a se voltar mais para o noticiário e a reportagem e a pedir menos colaboração literária. Antes de João do Rio, grandes escritores como José de Alencar, Machado de Assis e Olavo Bilac, embrenharam-se nas redações. Mas o jornalismo que faziam estava mais próximo da crônica e dos editoriais de hoje. Baseado no modelo francês, privilegiavam a análise e o

---

<sup>22</sup> Idem

<sup>23</sup> COSTA. Pág. 11

<sup>24</sup> BROCA. Pág. 287.



comentário, e não a informação.<sup>25</sup> Na história do jornalismo e da literatura, só início do século XX se abriu espaço para a entrevista e a reportagem, até então raramente usada.

Para Nicolau Sevcenko<sup>26</sup>, com as transformações nas técnicas de comunicação, como a fotografia e o cinema, a posição até então ocupada pela literatura foi abalada. Segundo ele, a literatura neste caso se adaptou ao mundo, e não mais o mundo a ela, como aconteceu no século XIX romântico. Sevcenko completa ainda que essa “adaptação custaria o preço de sua sacralidade”.<sup>27</sup> Sussekind afirma que os novos horizontes técnicos influenciaram a escrita literária, já que escritores cariocas projetavam as imagens da modernização no texto. De acordo com ela, a literatura representou a técnica, mas também se apropriou dela para a própria técnica literária. Diante dos novos maquinismos, diz Sussekind sobre a produção de João do Rio, a reação, meio no susto, numa primeira instância, é, pois de imitação.<sup>28</sup>

Depois do processo de modernização por que passam as folhas no início do século, o tipo de trabalho que se oferecia aos literatos era cada vez menos “literário”.<sup>29</sup> Brito Broca diz que os jornais, sem desprezarem a colaboração literária, iam tomando um caráter cada vez menos doutrinário, sacrificando os artigos em favor do noticiário e da reportagem. As notícias de polícia, particularmente, que não mereciam mais do que algumas linhas, passavam a cobrir largo espaço; surge o noticiário esportivo, até então inexistente, e tudo isso no sentido de servir o gosto sensacionalista do público que começava a despertar. Cada vez mais, os contos e versos eram substituídos por reportagens e entrevistas e ao invés do trabalho de cronista o literato exercia o de redator.

Entre os anos 20 e 50, aparecem mais elementos que vão buscando dar um estatuto efetivo de indústria ao jornalismo nacional. Os jornais a Folha de São Paulo e O Globo além da revista semanal, O Cruzeiro são fundados nos anos 20. Além disso, os periódicos, em geral, aumentam suas tiragens, consolidando-se como meios de comunicação de massa. Formam-se, portanto, os primeiros grandes grupos de comunicação, entre eles os Diários Associados de Assis Chateaubriand, uma das

---

<sup>25</sup> Idem. Pág 41

<sup>26</sup> Literatura como Missão

<sup>27</sup> Literatura como Missão. Pági. 97

<sup>28</sup> Cinematógrafo de Letras. Pág. 47.

<sup>29</sup> SUSSEKIND. Pág. 75.

maiores organizações da história da imprensa no Brasil, a qual a revista O Cruzeiro fazia parte.<sup>30</sup>

Na mudança deste quadro, os ideais de um jornalismo moderno e empresarial, que valorizava a objetividade, a “neutralidade” e a “imparcialidade” atravessaram os anos 20 até 1950.

## 2.2 A Desliteraturização

Foi nos anos 1950 que o modelo norte-americano se implantou definitivamente no jornalismo nacional. Ao longo dessa década, os jornalistas brasileiros foram adquirindo um sentido de categoria profissional diferenciada da dos literatos.<sup>31</sup> Segundo Ana Paula Goulart, que tem um estudo com foco na imprensa e história no Rio de Janeiro neste período, durante esse processo, o jornalismo foi deixando de ser um “pantomima” da literatura e começou a assumir cânones próprios. As novas técnicas jornalísticas estavam associadas a uma certa aceleração da vida moderna, que influenciava tanto na recepção quanto no consumo da notícia. O texto jornalístico passou a ser mais objetivo: suprimiu ponto de exclamação e reticências, começou a usar obrigatoriamente a 3ª pessoa, a excluir adjetivos e conceitos que expressem subjetividade, usar palavras curtas e frases curtas e tomar cuidado com colocações de qualquer palavra que tirasse a objetividade, a neutralidade e a imparcialidade do texto. Além disso, Goulart destaca a técnica do lead americano como uma espécie de símbolo do jornalismo moderno nos anos 50.

Muitos escritores não gostaram desse novo paradigma. Foi contra as novas regras que o escritor e jornalista Nelson Rodrigues se insurgiu quando chamou os copidesques de “idiotas da objetividade”.<sup>32</sup> Para ele, o grande abismo entre a velha e a nova imprensa era a linguagem. E propunha: “Examinem duas manchetes – uma de 1908 e outra de 1967. A primeira, além de enorme impacto visual era “um uivo impresso”. Sem o adjetivo o jornalismo estava sendo castrado emocionalmente.” (RODRIGUES apud Costa, 2004: 128)

Esse período foi destacado como um dos momentos-chave da relação entre literatura e jornal, porque é na década de 50 que a literatura sai definitivamente da

---

<sup>30</sup> SALES. Disponível em: [http://www.facasper.com.br/cip/communicare/6\\_0/pdf/08.pdf](http://www.facasper.com.br/cip/communicare/6_0/pdf/08.pdf)

<sup>31</sup> RIBEIRO GOULART. Imprensa e História no Rio de Janeiro nos anos 1950.

<sup>32</sup> COSTA. Pág. 124

condição “escrita-jornal”, em que os dois se uniam e se confundiam entre si, e vai para um novo espaço no periódico. Silviano Santiago definiu a perda do espaço da literatura nos jornais, como visto anteriormente, como desliteraturização dos periódicos.

Isabel Travancas explica que essa “deliteraturização” é consequência de inúmeros fatores como: o cosmopolitismo modernizante na imprensa que reduz o impacto da literatura no jornal; os avanços tecnológicos (telégrafo, telefone) fazendo com que o jornal se torne menos opinativo e mais informativo, gerando um empobrecimento do lugar da literatura; o surgimento de diferentes formas artísticas, como a novela, que vem a ocupar o lugar das histórias de folhetim, por exemplo; e por último, mas destacado como fundamental, o fato de o livro ter se tornado de fácil acesso ao público, fazendo com que o escritor não precise mais publicar seus textos na imprensa para ser reconhecido. Para Santiago, o que se chama tradicionalmente de literatura vem perdendo no correr dos séculos e de maneira sistemática o seu lugar, poder e prestígio na imprensa diária (jornal matutino e vespertino) e na semanal (revistas). A literatura que se confundia com jornalismo, passou a ser coadjuvante nos jornais, e cada vez mais, veio perdendo espaço nas críticas, crônicas, colunas e nos espaços dos suplementos. Travancas também vê nos suplementos, uma importante alternativa criada pelos jornais para que o escritor e suas obras não abandonassem as páginas da imprensa.

Retomando Ana Paula Goulart, o jornalismo foi deixando de ser um “pantomima” da literatura na década de 50, conclui-se que com isso, cada uma das técnicas, jornalística e literária, se reorganizaram aos poucos nos novos espaços formados. O veículo jornal não deixou de ter a colaboração literária, mas o espaço foi bastante reduzido, conforme disse Santiago. O jornalismo se voltou para textos informativos com foco na objetividade, e na suposta imparcialidade e neutralidade, e a literatura encontrou fora das páginas principais, nos suplementos, o seu maior diálogo dentro do jornal.

Mesmo assim, não dá para dizer que a conexão jornalismo-literatura acabou em um espaço reduzido apenas aos suplementos. A relação entre um e outro gerou frutos como o folhetim no século XIX e a crônica (considerada um gênero híbrido) no século XX e XXI. Jornalismo e literatura se distanciaram, mas não se afastaram completamente. O suporte jornal continua dedicando um espaço à estética literária e a cultura em geral.

### 2.3 A “suplementização” da literatura

Vale a pena deter-se na lógica do “suplemento”. Complemento é a parte de um todo, o todo está incompleto se falta o complemento. Suplemento é algo que acrescenta a um todo. Portanto sem o suplemento ele apenas ficou privado de algo a mais. A literatura (contos, poemas, ensaio, crítica) passou a ser algo a mais que fortalece semanalmente os jornais através de matérias de peso, imaginosas, opinativas, críticas, tentando motivar o leitor apressado do dias de semana a preencher o lazer do *weekend* de maneira inteligente.<sup>33</sup>

Nesse processo de “desliteraturização” dos jornais, quase todos os grandes periódicos, entre as décadas de 50 e 60, lançaram seus cadernos culturais diários. Os suplementos, como disse Santiago, passaram a ser algo a mais no todo do jornal, com um nicho focado e periodicidade semanal, na maioria das vezes. “De lá para cá, eles se tornaram mais raros e menores, sendo considerados um “artigo de luxo” por muitas empresas jornalísticas”.<sup>34</sup> As transformações sofridas por esses cadernos estão estreitamente ligadas às mudanças da própria sociedade e também do público leitor.

A autora Isabel Travancas faz um estudo comparativo entre suplementos literários brasileiros e franceses dos anos 90. E para pensar os suplementos literários como novo espaço para a literatura, o livro de Travancas se torna um material de apoio.

Um suplemento cultural em um jornal de grande porte ainda espelha uma preocupação com a qualidade do periódico e com a informação social em diferentes aspectos. Isabel Travancas<sup>35</sup> afirma que os suplementos literários transmitem uma idéia de livro e de literatura e significam prestígio para os jornais e status para quem trabalha neles. Segundo ela, é comum casos de suplementos literários que não cubram os custos com as receitas de publicidade, mas que são mantidos não pelo seu valor financeiro, mas “é como se o jornal se valorizasse na valorização do seu leitor”. Mas, afinal, o que a literatura perde ou que ganha com a ida para os suplementos? Será que a literatura realmente perdeu o seu espaço nos jornais depois da “desliteraturização” da imprensa?

Nos cadernos de cultura em geral mais atuais o que se percebe é uma maior valorização da cultura do entretenimento – com matérias sobre gastronomia, moda e design. Suplementos como o “Prosa e Verso” vieram para integrar o caderno de cultura

---

<sup>33</sup> SANTIAGO In o Cosmopolitismo do Pobre. Pág. 163

<sup>34</sup> TRAVANCAS.

<sup>35</sup> O livro no jornal

do jornal com pautas para além das trazidas pelo “2º Caderno”, com maior foco em livros ou outros tipos de produção literária. Diríamos que de alguma forma, o “Prosa e Verso” veio como um suplemento de um suplemento. O que se pode concluir é que os jornais expandiram as fronteiras do jornalismo cultural para também alcançar diferentes tipos de leitores.

Em análise aos cadernos *Idéias*, do Jornal do Brasil e *Mais!* da Folha de S.Paulo, Travancas caracteriza os suplementos como cadernos de livros que tratam de literatura, dos escritores e do mercado, não sendo mais um espaço de crítica literária. Os suplementos são definidos por uma lógica jornalística, a partir do conceito notícia, e, portanto, com essa lógica, os livros tratados são obras recém-lançadas.

A literatura no jornal é apresentada com linguagem seguindo os conceitos básicos do jornalismo como clareza e objetividade. Desse modo, muitas matérias são aliadas dos livros, no sentido de servirem como divulgação das obras, mas por outro lado, o espaço da crítica e da análise ficou bastante reduzido ou em alguns casos, eliminado. Antonio Candido, em entrevista concedida à revista *Veja* em outubro de 1975, comentava a vida e morte da produção ensaística e crítica do espaço do jornal: “No Brasil, até trinta anos atrás, a crítica se fazia em artigos de cinco a dez páginas nos rodapés dos jornais, semanalmente. Escritos por pessoas intelectualmente sérias, produziam uma visão empenhada, que ao mesmo tempo informava e formava o leitor. Isso acabou.”<sup>36</sup>

Santiago defende a idéia de que veículo jornal não tem mais um papel crucial como divulgador de obras. “Hoje um escritor pode se lançar pelo livro; não precisa de passar antes pelo jornal para se fazer conhecido dos editores e do público. Até há bem pouco tempo era impensável que um grupo de intelectuais não encontrasse numa redação de jornal o período inicial da sua metamorfose em geração literária.”<sup>37</sup>

Em relação a presença da literatura nos jornais, os suplementos são, para Travancas, a expressão da continuidade de um intercâmbio entre jornalismo e literatura. A autora considera os suplementos uma importante alternativa criada pelos jornais para que o escritor e suas obras não abandonassem definitivamente as páginas impressas.

Santiago, por outro lado, acredita que o jornal abriga menos literatura porque o objeto livro foi se tornando uma mercadoria acessível e cada vez mais banal. O escritor afirma que atualmente a produção e disseminação do texto no cotidiano das pessoas

---

<sup>36</sup> CANDIDO apud Santiago in *Crítica Literária e Jornal na Pós Modernidade*. Disponível em: [http://www.letras.ufmg.br/poslit/08\\_publicacoes\\_txt/ale\\_01/ale01\\_ss.pdf](http://www.letras.ufmg.br/poslit/08_publicacoes_txt/ale_01/ale01_ss.pdf)

<sup>37</sup> *Crítica Literária e Jornal na Pós Modernidade*. Disponível em: [http://www.letras.ufmg.br/poslit/08\\_publicacoes\\_txt/ale\\_01/ale01\\_ss.pdf](http://www.letras.ufmg.br/poslit/08_publicacoes_txt/ale_01/ale01_ss.pdf)

abalam os sólidos alicerces que foram plantados por anos e anos de "desliteraturização" nos meios de comunicação de massa. Esses meios de comunicação, com a disseminação popular do PC e da internet, estão sendo obrigados a encarar a atitude revolucionária que se consolida no produzir e divulgar a literatura.<sup>38</sup>

---

<sup>38</sup> Entrevista para o Portal Literal. Disponível em: <http://www.portalliteral.com.br/artigos/o-caminho-da-literatura>

### 3. LIVRO – SUPORTE CONSAGRADO

Antes de tratar do computador em rede como suporte para a literatura, sob o ponto de vista de um outro lugar possível para a divulgação e produção literária, - tendo em vista os espaços de expressão que foram perdidos nos periódicos -, o livro entra neste capítulo como o objeto tradicional em que ela se apóia. Com a “desliteraturização” dos jornais, o livro amparou ainda mais a produção dos escritores. Quando João do Rio perguntou em 1905 se “O jornalismo, especialmente no Brasil, é um fator bom ou mau para a arte literária?” ele se referiu a estética da literatura enquanto arte. Para alguns escritores que responderam a essa enquete, o jornalismo era incompatível com a arte pura por seu aspecto mercantil. Silva Ramos responde a João do Rio tomando uma posição de ambigüidade: o jornalismo “para a arte literária é mau, para o literato é bom”.<sup>39</sup> O escritor Silva Ramos é um exemplo dos entrevistados que acreditava que o jornal era nocivo à arte literária, mas positivo financeiramente para o literato.

O livro ainda é um objeto que tem uma significação socio-cultural elevada. Alguns gêneros literários assim como vários autores obtem dentro do conjunto social um status elevado, conferindo esse status também ao portador do objeto, o leitor. O livro adiciona ao autor e aquele que o carrega um valor social. Pode-se dizer que o livro assume dois papéis: o de resultante da obra de um autor, da arte da escrita, e também da face material de suporte do texto.

O livro como suporte da arte escrita, tomando por base a pergunta de João do Rio, é visto como um suporte favorável a literatura. Mas, por outro lado, os escritores que voltam suas produções para o mercado, a procura de emplacar os chamados best-sellers, não são reconhecidos pelos literatos, na maioria das vezes, como autores de obras literárias.

Os escritores contemporâneos procuram conquistar, em um mercado globalizado, um público leitor, que não é o mesmo daquele apresentado no capítulo jornal do século XIX, começando o seu contato com a literatura, e nem o mesmo do final do século XX. O leitor do século XXI reflete a sociedade e, portanto, cada vez mais o escritor tem que saber lidar com um público que tem pressa e não tem mais o

---

<sup>39</sup> RAMOS apud COSTA. Página 20.

livro como a sua única fonte de conhecimento. O texto passa a dividir o espaço e o tempo dos leitores com outros meios de comunicação.

Para apresentar o livro nas condições de um veículo consagrado para a leitura das obras literárias, não cabe, sendo assim, realizar um histórico do início das editoras no país ou um aprofundamento da chegada do livro no Brasil. O livro será abordado sobre outros aspectos que são relevantes para a sua proximidade com a literatura: a materialidade desse objeto, as relações com o leitor e com os próprios escritores.

### 3.1 A difícil conquista dos leitores

Como já visto no capítulo sobre jornal, no Brasil apenas no século XIX se estabelecem as primeiras e novas formas de público, antes ralo e inconsistente, que aos poucos foi ganhando contorno diferenciado. Segundo Lajolo e Zilberman, entre os leitores de folhetim e os assíduos freqüentadores de teatro, circulam intelectuais homens de Letras, estudantes, jornalistas, algumas sinhás-moças e até velhos capazes de leitura, e começam a definir o aparelho cultural brasileiro.

Apesar do início do desenvolvimento de um público leitor, Machado de Assis apresenta em 1866 um panorama literário brasileiro cético em relação a produção, circulação e leitura de livros.<sup>40</sup> Para Machado, Os livros que apareciam eram raros, distanciados e nem sempre dignos do exame da crítica.

Há duas razões principais desta situação: uma de ordem material e outra de ordem intelectual. A primeira, que se refere à impressão dos livros, impressão cara, e de nenhum lucro pecuniário, prende-se inteiramente à segunda que é falta de gosto formado no espírito público. Com efeito, quando aparece entre nós esta planta exótica chamada editor, se os escritores conseguem encarregá-lo, por meio de um contrato, da impressão de suas obras, é claro que o editor não pode oferecer vantagens aos poetas, pela simples razão de que a venda do livro é problemática e difícil. A opinião que devia sustentar o livro, dar-lhe voga, coroa-lo, enfim no Capitólio moderno, essa como heróis de Tácito, brilha pela ausência. Há um círculo limitado de leitores: a concorrência é quase nula, e os livros aparecem e morrem na livraria.<sup>41</sup>

---

<sup>40</sup> Livro LAJOLO E ZILBERMAN. Pág. 93. Literatura Rarefeita. Texto escrito para a semana Literária.

<sup>41</sup> MACHADO apud Lajolo e Zilberman: 1991, 93. Literatura Rarefeita



O texto de Machado de Assis apresenta um cenário bastante desfavorável para os livros no século XIX: altos custos de impressão, dificuldades de vendas e poucos leitores (a maioria do país ainda era analfabeta). Por tal motivo a literatura romântica se mostra empenhada na construção de um público brasileiro para as suas obras e na conquista desse público. Segundo Lajolo e Zilberman para o desenvolvimento de uma literatura nessas condições culturais brasileiras era preciso que os autores reconhecessem as limitações do público disponível e lidassem com elas. Era necessário que a audiência fosse preparada. Para isso, a literatura introduz seu interlocutor-consumidor, inclusive nas entrelinhas do texto através da relação do narrador com o leitor.

Joaquim Manuel de Macedo confessava não escrever para os intelectuais: “Não escrevo para os sábios. Escrevo para ser lido por aqueles que compreendem que as tradições romanescas do passado enchem de interesse e de encanto a terra (...)”<sup>42</sup> O autor assim como outros escritores, lutava para seduzir o seu público e conseguir um espaço para as suas obras crescerem. O romântico muitas vezes vai carregar o leitor pela mão, mostrando o caminho a percorrer durante a obra, e em outras situações, inclusive, simular nas narrativas as reações do leitor e legitimá-las. Nesse período Romântico o narrador procura manter relações de contato com os leitores.

O diálogo com o leitor, em condições de parceria e maturidade do leitor, vai ser inaugurado com Graciliano Ramos<sup>43</sup>. Lajolo e Zilberman destacam o livro *São Bernardo*, lançado em 1934. Na obra o narrador não diminui o leitor, nem tampouco o despreza, em *São Bernardo* o narrador tem limites, não é capaz de tudo, e demonstra que precisa do leitor. Desta maneira, atesta ao leitor capacidade de entendimento da obra e questionamento do texto por si só. Os papéis do leitor e do narrador mimetizam, na intimidade do texto a natureza comunicativa da literatura. Essa natureza comunicativa reflete o longo caminho que a literatura teve que percorrer desde o Romantismo até o Modernismo, alcançando uma relação de maturidade com o leitor.

Mesmo assim, apesar dos avanços percebidos nas próprias narrativas, a tradição escrita brasileira é recente e, para Lajolo e Zilberman, ainda precária, e consequentemente, o livro enquanto prática social ainda precisa avançar muito. Neste próximo tópico é possível apreender que o livro para chegar aos leitores como tal o conhecemos hoje teve que sofrer diversas modificações estruturais. Assim, os leitores

---

<sup>42</sup> MACEDO apud Lajolo e Zilberman, 1991: 92. Literatura Rarefeita.

<sup>43</sup> LAJOLO E ZILBERMAN. A formação da leitura no Brasil

com o aumento gradual de acesso à leitura, através do jornal, livro, internet, revistas, celular e tantos outros suportes que ainda surgem, conseguem se aproximar, cada vez mais, da estética literária.

### 3.2 Do códex aos leitores

Um livro é para nós um objeto material com características diferentes a um jornal, a uma revista ou a um arquivo. É uma obra com uma identidade, uma coerência e um autor. (Chartier)<sup>44</sup>

O livro é o suporte físico das obras literárias mais difundido e popularizado atualmente. O objeto livro além de ser um elemento de mercado, vendido principalmente em livrarias (físicas ou virtuais), também é portador de um conteúdo transcendente: o texto. O texto pode ou não se compor da materialidade papel. Apesar de o papel não ser condição *sine qua non* para a existência da literatura, os suportes materiais para os textos transformaram a estética e expandiram o alcance literário na sociedade. Antes da existência das obras escritas, a cultura foi sendo passada, durante séculos, oralmente. A tradição oral da literatura ocidental teve como marco as obras de Homero, datadas aproximadamente do século VIII a.C. A humanidade, no entanto, só tem conhecimento e o acesso a essas obras hoje, porque todas elas foram registradas, posteriormente, em escrito.

Para que o livro se tornasse o primeiro meio de comunicação de massa e o principal dispositivo do pensamento científico, uma transformação em especial se destaca entre as que ocorreram antes e após Gutenberg: nos primeiros séculos da Era Cristã (século II), o livro de rolo (*volumen*) passou a livro de cadernos e páginas (*codex*).<sup>45</sup> André Parente avalia a passagem do rolo ao códex, - o que tornou o livro um objeto facilmente manuseável, permitindo uma leitura não-linear, ou seja, uma localização não seqüencial dos assuntos - , como responsável pela forma do livro que temos hoje “É o códex que torna possível a paginação, o estabelecimento do índice de

---

<sup>44</sup> CHARTIER. Entrevista Multirio. 2001, Eliane Bardanachvili.

Disponível em:

[http://www.multirio.rj.gov.br/portal/riomidia/rm\\_entrevista\\_conteudo.asp?idioma=1&idMenu=&label=&v\\_nome\\_area=Entrevistas&v\\_id\\_conteudo=51218](http://www.multirio.rj.gov.br/portal/riomidia/rm_entrevista_conteudo.asp?idioma=1&idMenu=&label=&v_nome_area=Entrevistas&v_id_conteudo=51218)

<sup>45</sup> PARENTE. O Hipertextual. Pág. 4. Disponível

em: <http://www.pucrs.br/famecos/pos/revfamecos/10/Parente.pdf>.

correspondências, os sistemas de notas. Em suma, a invenção do códex é responsável pelo conceito que nós temos hoje do livro, sua estrutura tipográfica”.<sup>46</sup>

A idéia de um livro com páginas, numeração, índice, capa liberou o leitor para escrever ao mesmo tempo em que lê, o que era impossível quando se segurava o rolo com as duas mãos. O historiador francês Roger Chartier também defende que a passagem do rolo ao códex foi, até agora, a mais importante, porque transformou os hábitos de leitura e nos legou o livro tal como o conhecemos.<sup>47</sup>

### 3.3 Quando entra o digital

A cultura do código, a vinculação objeto-obra, desaparece com o texto no computador, para Chartier. O desafio na tela se dá na leitura descontínua, fragmentada e segmentada, que não deixa perceber a unidade textual, ou seja, a obra como obra estética.

A passagem do códex à tela é vista por muitos como o fim do livro. Mas para Parente a tela é apenas um novo suporte para os textos, assim como o foram os códices. “O que está sendo distribuído pelas redes eletrônicas são textos. Nunca o livro e a leitura estiveram tão vivos.”<sup>48</sup> As novas tecnologias podem ajudar a criar uma nova geração de leitores e a difundir a leitura. A tecnologia pode se tornar uma aliada para o progresso da cultura escrita e dos hábitos de leitura.

Neste contexto, o leitor do códex tem que lidar com mudanças na leitura pela tela, de maneira vertical, e com uma nova possibilidade de interação com os escritores e com os textos.

---

<sup>46</sup> IDEM.

<sup>47</sup> CHARTIER. Entrevista para Multirio. 2001, Eliane Bardanachvili. Disponível em: [http://www.multirio.rj.gov.br/portal/riomidia/rm\\_entrevista\\_conteudo.asp?idioma=1&idMenu=&label=&v\\_nome\\_area=Entrevistas&v\\_id\\_conteudo=51218](http://www.multirio.rj.gov.br/portal/riomidia/rm_entrevista_conteudo.asp?idioma=1&idMenu=&label=&v_nome_area=Entrevistas&v_id_conteudo=51218)

<sup>48</sup> PARENTE. O Hipertextual. Disponível em: <http://revistaseletronicas.pucrs.br/ojs/index.php/revistafamecos/article/view/3031/2309>

#### 4. LITERATURA NA TELA

A leitura não está ameaçada, mas enfrenta uma terceira grande revolução no seu suporte (o rolo, depois o códice e depois a tela plana), o que provoca temores e angústia entre os que sempre leram belos livros em belas edições bem cuidadas.<sup>49</sup>

Este último capítulo que aborda o computador ligado em rede como suporte da literatura é o ponto de maior enfoque do trabalho. Depois de apresentados o jornal e o livro como meios para a literatura, com suas diferentes peculiaridades, o digital se mostra como um espaço possível que, sem a materialidade do papel, condensa o espaço do livro (com a digitalização, além dos blogs) e também os espaços dos jornais das críticas, artigos e resenhas apresentados em sites de literatura. Não se defende que o computador vai ocupar propriamente o lugar do livro e do jornal como suporte literário, mas como um espaço flexível e dinâmico que pode alocar aos poucos a literatura e também possibilitar novas formas de interação e apresentação da estética literária

Entre as características da literatura contemporânea brasileira deste século Beatriz Resende aponta o fenômeno de ruptura com o suporte. Resende destaca que a ruptura já se deu nas artes plásticas e artes cênicas com o suporte tela, papel ou outros materiais, para dar lugar a experiências que lidam com o efêmero. Mas “na literatura a ruptura teria que ser com aquele que parecia ser a sua condição de existir, de tomar forma: o suporte papel.” (RESENDE 2008, 135). A internet entra em cena como uma nova tecnologia de transmissão de informações que ainda mantém o registro escrito da literatura.

A leitura pela tela do computador tende a aumentar nos próximos anos, o que provocará no futuro, o nascimento de gêneros literários ainda desconhecidos, a partir de recursos tecnológicos da era digital.<sup>50</sup> Para Jean Yves-Mollier a literatura pelo computador encontra possibilidades de expressão, através de som, imagem, texto, animação, além de interatividade e conexão mundial rápida, não possíveis através da materialidade do papel.

---

<sup>49</sup> YVES-MOLLIER. Entrevista para o Caderno Prosa e Verso, O Globo, 09 de maio de 2009.

<sup>50</sup> IDEM

A literatura na tela não é meramente a leitura no computador, ela é diversa, atravessa diferentes mídias e abre possibilidades de escrita. Antes de tratar propriamente de produções na internet, a relação do livro com o computador será apresentada..

#### 4.1. Do códex para a tela

O contato mais direto entre livro, literatura e internet se dá a partir da disponibilização de livros na rede, a primeira relação entre a arte literária e a web. Os e-books, conhecidos como livros virtuais, ficarão aqui com a definição mais ampla: obras produzidas para a tela e obras que são levadas do livro para o computador, ou seja, digitalizadas. A digitalização de obras impressas foi lançada desde nos anos 1980 em inúmeras bibliotecas e centros de arquivo no mundo, segundo Hervé Le Crosnier.<sup>51</sup>

Hoje existem cerca de 55 milhões de livros produzidos na história da humanidade, mas desta quantia apenas 6 milhões estão no catálogo ativo das editoras. O restante só está disponível em bibliotecas.<sup>52</sup> A digitalização se mostra como um caminho para a democratização do conhecimento. Será que do livro para a tela, o texto não ganha mais espaço?

O perfil das bibliotecas já está mudando. Em muitas delas, os livros estão sendo digitados e armazenados em CD-ROMs ou em gigantescas memórias *on line*, de modo a permitir o acesso remoto e a pesquisa a partir de qualquer palavra na língua-sede. Arlindo Machado acredita que o contato entre livro e web vai mudar radicalmente o perfil das bibliotecas e vai fazer surgir do limbo uma nova literatura:

“dentro de mais algum tempo, muitas bibliotecas não terão sequer um único livro impresso para expor em suas prateleiras, se é que ainda terão prateleiras. O movimento nesse sentido é irreversível. Uma quantidade cada vez maior de livros é editada em videocassetes, em disquetes ou em CD-ROMs e distribuídos em lojas de departamentos ou em birôs de artigos eletrônicos.”<sup>53</sup>

A Biblioteca Nacional do Brasil tem sua “biblioteca digital”. Para Muniz Sodré<sup>54</sup>, Presidente da Fundação Biblioteca Nacional, “a digitalização do impresso

---

<sup>51</sup> Sumário do livro “Desafios de Palavras: Enfoques Multiculturais sobre as Sociedades da Informação”.

<sup>52</sup> Entrevista do diretor de Desenvolvimento de Negócios do Google no Brasil, Rodrigo Paranhos Velloso, Tv Cronópios. Disponível em: <http://www.cronopios.com.br/tvcronopios/conteudo.asp?id=41>

<sup>53</sup> MACHADO. Fim do livro? Disponível em [http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0103-40141994000200013&script=sci\\_arttext](http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0103-40141994000200013&script=sci_arttext)

<sup>54</sup> Texto de Apresentação Biblioteca Nacional Digital. Disponível em <http://www.bn.br/bndigital/apresentacao.htm>

implica, de fato, para além da sua dimensão puramente técnica, o tornar visível de toda uma crise das estruturas culturais tradicionalmente centradas no livro e na leitura individualizada”. Sodré, ao contrário de Machado, não defende a idéia de que a digitalização acabará com a biblioteca, mas sim, que essa técnica leva a uma democratização da leitura, que não mais depende do objeto material livro para ser realizada.

O maior programa de buscas do mundo, o Google, criou um buscador de livros, chamado *Google Books*, lançado com outro formato e nome em 2004. Segundo informações do programa, é possível atualmente pesquisar o texto completo de cerca de sete milhões de obras que não são protegidas pelo direito autorial. O objetivo do projeto é que as pessoas descubram o livro, saibam que a obra existe. No *Google Books* existem graus de visualização da pesquisa de acordo com a lei de direito autorial e a autorização das editoras. As obras que podem ser visualizadas por completo são aquelas que estão em domínio público ou que existe o aval da editora.

Paulo Coelho é a favor dos e-books, e conseqüente disponibilização de obras na rede. Em seu site oficial existe um espaço dedicado ao *download* grátis de algumas publicações, que estão na íntegra para os internautas. Coelho acredita que suas atividades na internet só têm ajudado a aumentar as vendas já saudáveis: com cerca de 100 milhões de exemplares vendidos em todo o mundo. De acordo com o escritor, ao publicar on-line é possível dar ao leitor a possibilidade de ler os livros e escolher se quer comprá-los ou não, dar a chance de o próprio leitor se interessar pelo livro e decidir ter a obra em papel<sup>55</sup>.

Sérgio Bellei<sup>56</sup>, com estudos voltados para bibliotecas digitais e para as novas formas de acúmulo de informação e conhecimento, apresenta em seu texto discussões feitas acerca do tema livro, literatura e o computador, ainda na década de 90. O escritor e humanista Sven Bikerts caracteriza, em 1994, o momento de mudança histórica do livro para o computador em termos catastróficos. Para Bikerts, trata-se da mudança da página para a tela que, alterando as formas de fluxo e recepção do conhecimento, coloca em xeque valores perenes da civilização ocidental. O livro perderia a sua função código, a sua posição de arte, a cultura sofreria um dano muito grande com a perda do livro escrito. Essa defesa apocalíptica do fim do livro impresso nos anos 90 ainda se mostra

---

<sup>55</sup> Entrevista para a *Newsweek on-line* Disponível em <http://www.newsweek.com/id/108715>

<sup>56</sup> O livro, a literatura e o computador.

contemporânea. Mas será que o livro vai acabar por causa dos textos digitalizados? Os dois suportes não podem conviver juntos?

Para Pierre Lévy<sup>57</sup>, graças à digitalização, o texto e a leitura receberam um novo impulso, e ao mesmo tempo uma profunda mutação. “Longe de aniquilar o texto, a virtualização parece fazê-lo coincidir com sua essência subitamente desvelada. Como se a virtualização contemporânea realizasse o devir do texto”.

A simples reprodução dos livros, sem muitas conseqüências, é uma das formas que a rede afeta o mundo literário, segundo Bellei. O livro transferido da página para a tela traria provavelmente mais benefícios para os leitores, por conta do acesso mais fácil e a necessidade de um menor espaço para armazenamento. Bellei destaca, por outro lado, uma função do computador, além da duplicação do livro eletronicamente: a máquina é capaz de modificar o livro de forma radical transformando-o em hipertexto. “O computador, contudo, além de ser meramente uma máquina reprodutora, é também uma máquina capaz de produzir textos que, na prática, são qualitativamente diferentes dos textos impressos” (BELLEI, 2002: 43)

A digitalização ocorre em um momento em que se multiplicam caminhos técnicos geradores de modos de uso bem diferentes das práticas tradicionais da leitura do livro, e para Muniz Sodré<sup>58</sup> o risco é incorrer por inteiro no paradigma tecnológico-mercantilista. “Ou seja, as formas técnicas de apresentação do digital acabam tornando-se mais interessantes do que isto a que estamos habituados a chamar de “cultura” ou de “patrimônio histórico””. O texto digitalizado pode passar a ter mais retorno das pessoas do que o livro material. No entanto, eles têm condições diferentes entre si e de alguma forma, apesar de poderem transmitir conteúdos similares, cada um exerce um papel.

Pierre Lévy diz que o texto que se cria na web, hipertextual, é diferente dos textos que estão impressos:

Certamente o texto digitalizado, fluido, reconfigurado à vontade, que se organiza de um modo não linear, que circula no interior de redes locais ou mundiais das quais cada participante é um autor ou um editor em potencial, esse texto diferencia-se do impresso clássico (LÉVY, 1996:50)

A literatura no computador expandiu as fronteiras das bibliotecas on-line para as “não-fronteiras” do hipertexto e do espaço virtual. A professora de literatura Ana

---

<sup>57</sup> O que é virtual?

<sup>58</sup> Acesso em <http://www.bn.br/bndigital/apresentacao.htm>

Cláudia Viegas<sup>59</sup> aponta a internet como uma espécie de vitrine do texto para o público geral ou os editores. Essa ferramenta passa a ser fonte para descoberta de novos autores e aposta de novos sucessos, tanto para o mercado editorial quanto para os leitores.

Os espaços fluidos, virtuais continuam se contrapondo as barreiras que os livros de papel encontram na circulação entre países, mesmo vizinhos. Para Beatriz Resende, somos apresentados para vários autores através da internet ou da mídia internacional.

#### 4.2 Internet como espaço para a literatura

O que se pode chamar de literatura na internet vai bem além da disponibilização de obras na web. As bibliotecas digitais foram um começo, a porta de entrada do literário no meio virtual, mas há obras que já foram criadas com a possibilidade desse novo espaço de produção, divulgação e leitura.

A tela plana modifica radicalmente a apreensão do texto pelo olhar e mesmo pelo corpo, então a consciência. Do papiro ao livro e à tela plana, não lemos o mesmo texto mesmo se temos a ilusão de que ele não mudou. O suporte material induz modos de recepção diferentes.<sup>60</sup>

A internet se abre como uma nova possibilidade para a produção literária publicada no livro e também divulgada na imprensa. Os preços dos livros, a perda do espaço nos jornais e o aumento da facilidade de acesso da internet em aspecto global podem colaborar para a entrada da literatura no espaço digital. A internet se mostra ainda como um lugar de experimentação onde escritores renomados se comunicam mais abertamente com o público, sem que haja questões de espaço ou de linguagem, como nas páginas dos jornais. E os novos autores caminham em busca da conquista de um público leitor sem dependerem de uma editora.

É difícil, no entanto, mapear ou colocar em grupos as expressões artísticas que a internet proporciona. Os textos que passam pela internet, mesmo que desapareçam, já fazem parte de um “movimento” de escritores que busca um espaço para a suas obras.

Zuenir Ventura considera o impacto da internet na literatura como um fator de aumento na produção de textos. “Realmente, nunca se escreveu tanto como se escreve

---

<sup>59</sup> Escritas contemporâneas: Literatura, internet e a “invenção de si

<sup>60</sup> MOLLIER. Entrevista disponível no site do II Lihead . 2009. Disponível em: <http://lihed.wordpress.com/2009/05/08/jean-yves-mollier/>



hoje. Eu não sei se estão escrevendo melhor, tem esse negócio dos *e-mails*, como *vc*, *tc*, *tb* [abreviações de *você*, *teclar* e *também*], mas a verdade é que estão escrevendo muito. E isso é bom, é melhor que não estar escrevendo como a geração anterior, antes da Internet, que ficava diante da televisão.”<sup>61</sup>

#### 4.3 INTERNET – um breve histórico

Foram as mudanças e a evolução da internet que possibilitaram uma comunicação em rede, interconectada, entre várias pessoas ao mesmo tempo de diversos lugares. As origens da internet remontam a pesquisas militares nos Estados Unidos no ano de 1969. Mas assim como a conhecemos hoje, a internet teve a sua origem na década de 90 com o desenvolvimento da *www* – “World Wide Web”, quando se tornou possível o compartilhamento de informações. Manuel Castells<sup>62</sup> fala que “a formação de redes é uma prática humana muito antiga, mas a as redes ganharam vida nova em nosso tempo transformando-se em redes de informação energizadas pela internet”. (CASTELLS, 2003: 7)

Os computadores pessoais ligados em rede colocam à disposição dos indivíduos as principais ferramentas da atividade produtiva: criação, produção e difusão de informação, aquisição e produção de conhecimento.<sup>63</sup> Os *chats* ou bate-papo, as listas de discussão e posteriormente, os blogs surgiram na década de 90 como meio de interatividade e formação de redes. Falo de redes no sentido de pessoas se comunicando e trocando idéias com interesses em comum.

Juliano Spyer<sup>64</sup> diz que um dos motivos para a proliferação de ações colaborativas desde o surgimento da rede de computadores foi a queda dos custos para se produzir bens disponíveis para o público, por outro lado, seguido com o aumento dos benefícios. Spyer aponta como vantagens no compartilhamento de informações em ambientes virtuais, causam redução no custo de produção e disseminação e a maior facilidade em encontrar pessoas com interesses compatíveis, não dependendo tanto de

---

<sup>61</sup> Disponível em: <http://azevedodafonseca.sites.uol.com.br/1002zv2.html> 14 04 09

<sup>62</sup> A galáxia da internet

<sup>63</sup> PARENTE. Pág 4

<sup>64</sup> Conectado

limitações de tempo ou localização de cada um. O que para a literatura se mostram como mecanismos bastante favoráveis para a sua entrada no espaço virtual.

A internet trouxe ao mundo a possibilidade não só de o usuário se comunicar universalmente em rede, mas também ser capaz de gerar conteúdo próprio, como por exemplo, acontecem nos blogs, já que o próprio autor também disponibiliza e edita o texto.

A internet pode de alguma forma abrir as portas para a leitura no país. Na web é possível baixar livros inteiros e acompanhar a produção artística de muita gente sem pagar nada. A evolução contemporânea da informática constitui uma espécie de materialização técnica dos ideais modernos de apropriação dos meios de produção pelos produtores eles mesmos.<sup>65</sup>

#### 4.4 Produção literária na internet

Para Augusto de Campos, poeta concretista, as produções na internet realizam hoje um papel importante, recobrando uma área que a imprensa perdeu.

“Se olhar para trás uns 15, 20 anos, você vê que até revista de circulação interestadual das mais famosas tinham resenhas de escritores até muito avançados, de idéias muito novas. Hoje se tem nesses veículos apenas a cobertura dos best-sellers. E mesmo nos jornais os suplementos culturais encolheram extraordinariamente o espaço para a poesia. É na internet que estão desaguando colaborações”<sup>66</sup>

A produção na internet também permite que os escritores não precisem de um jornal ou editora para publicar ou divulgar um texto. Na produção literária recente os jovens autores não esperam mais a consagração pela “academia” ou pelo mercado para publicar. “Publicam como possível, inclusive usando as oportunidades oferecidas pela internet. E mais, formam listas de discussão, comentam uns com os outros encontram diferentes formas de organização, improvisam-se em críticos”. (RESENDE, 2008: 17). Desta maneira, o suporte computador não se mostra como um “democratizador” das expressões literárias? A internet não oferta novas possibilidades artísticas?

Não só a produção do texto está mudando, que antes tinha passagem obrigatória pelo parque editorial, como também e principalmente modifica-se o quadro clássico da

---

<sup>65</sup> PARENTE.

<sup>66</sup> Tv Cronópios. Disponível em <http://www.cronopios.com.br/tvcronopios/conteudo.asp?id=39>

divulgação do produto, tendo a passagem obrigatória pelo comércio das livrarias sido substituída pelo passeio do leitor pelas auto-estradas da internet, seqüestrando para si o texto alheio.<sup>67</sup>

Santiago acredita que a literatura “há que dar destaque para a disseminação do computador entre os jovens letrados, sofrendo a “literatura” um toque de subjetivação, periodicidade e permissividade, que tinha sido perdido, desde fins do século XIX, com a sua expulsão do primeiro caderno dos jornais.”

A questão é que o mundo está se colocando em uma era da técnica e o computador é, cada vez mais, objeto indispensável, no dia-a-dia dos indivíduos. A literatura enquanto expressão artística acaba indo de encontro com o digital. A literatura brasileira no século XXI vive a era da multiplicidade, segundo Beatriz Resende Esta característica se revela na linguagem, nos formatos, na relação que se busca com o leitor e – eis algo realmente novo – no suporte, que, na era da comunicação informatizada, não se limita mais ao papel ou à declamação’ (RESENDE, 2008: 18)

Santiago afirma que a última e mais popular das mutações no campo da produção textual leva o nome de blog, e tem como suporte, não mais o livro, mas o monitor do computador.

As mutações que a noção da produção textual traz para o espaço canônico da literatura são de tal modo impulsionadas pela velocidade (qualidade por excelência dos tempos modernos desde os manifestos futuristas) que fica difícil de fazer o mapeamento das várias formas textuais que surgiram como literárias e/ou artísticas e permaneceram ou desapareceram.<sup>68</sup>

Com os avanços tecnológicos, “fica difícil de fazer o mapeamento das várias formas textuais que surgiram como literárias.”, segundo Santiago.<sup>69</sup> Resende compartilha da idéia de que a internet é um espaço que traz novidades ou novas formas para a arte literária. Para Mollier, o suporte material, inclusive, pode alterar os modos de recepção. O espaço digital se mostra não só como mais um espaço para a literatura, mas também como um lugar que pode proporcionar outros formatos de texto, leitura e recepção para a escrita literária.

---

<sup>67</sup> SANTIAGO. Disponível em <http://www.portalliteral.com.br/artigos/o-caminho-da-literatura>

<sup>68</sup> Disponível em <http://www.portalliteral.com.br/artigos/o-caminho-da-literatura>

<sup>69</sup> Disponível em <http://www.portalliteral.com.br/artigos/o-caminho-da-literatura>

#### 4.4.1 Literatura nos blogs

Antes ainda dos blogs, em 1998, uma publicação virtual começou a ser distribuída por e-mail. De acordo com a matéria de 2008 da Folha Online “E-zine Cardosonline completa dez anos”<sup>70</sup>, o mail-zine chegou ao expressivo número de 5.000 assinantes. Essa publicação é considerada uma das precursoras do uso da internet no Brasil como meio para divulgar literatura. Foram 278 edições, cada uma com o equivalente a 70 páginas de texto, feitas por oito pessoas. Antes de existir a ferramenta blog André Czarnobai, que deu nome a publicação, fundou com Daniel Galera o Cadososonline, na ativa até 2001. Foi através do COL, como também era chamado o e-zine, que outros autores como Daniel Pellizzari e Clarah Averbuch ganharam visibilidade como escritores. É possível ainda acessar algumas páginas do COL pelo site <http://qualquer.org/col/> e ler o perfil dos oito colaboradores do e-zine.

O blog, ferramenta que será explorada depois da apresentação sucinta do Col, é um dos meios de produção literária na web. Os autores que não podem manter um site, por ser uma composição mais trabalhosa e com necessidade de maior estrutura para fazê-lo, divulgam e produzem seus textos em blogs.

Como a produção literária neste universo ainda é recente, não há nenhum estudo até o momento que analise a estética de grupos de autores que produzem na web. Beatriz Resende em seu texto sobre as expressões da literatura brasileira do século XXI<sup>71</sup>, incluiu como um dos tópicos do livro o “a literatura sem papel” e, reconhecendo esse movimento que se dá na internet, Resende serviu de apoio para as considerações sobre os autores escolhidos.

O suporte do computador em rede se mostra como uma espécie de experimentação para os escritores sobre o que este meio pode render para a literatura. Os autores que serão descritos no trabalho usam os blogs, cada um a sua maneira, para a interação com os seus textos. Os dois primeiros analisados, Daniel Galera e Clarah Averbuck, vieram do COL e passaram pelo blog. E Fabrício Carpinejar, Ana Paula Maia e Alex de Castro usam o blog como forma de divulgação (como tentativa de ganhar leitores e mercado) e expressão. O último a ser trazido, Samir Mesquita, faz uso

---

<sup>70</sup> Matéria Folha Online. Disponível em <http://www1.folha.uol.com.br/folha/informatica/ult124u446925.shtml>

<sup>71</sup> Contemporâneos: expressões da literatura brasileira no século XXI, 2008.

de uma linguagem que sai do convencional, do texto escrito que se configura em páginas e que tem sequência de leitura.

A linguagem de cada um desses escritores, trazida em trechos, será também abordada como forma de se verificar de que forma esses conteúdos são gerados nos blogs ou em ferramentas similares na internet.

Daniel Galera fez parte da geração chamada de 00 que trouxe na virada do século vigor para a literatura, atraindo novos leitores e o olhar atento dos editores. O autor encerrou em 2007 o seu blog Rancho Carne. No site, o escritor mantinha não só uma espécie de diário de bordo, mas também contatos com os leitores, testes de receptividade, relatos de experiências intelectuais e leituras dominantes. Mas talvez como forma de compensação aos amantes da literatura de quem o espaço virtual é um aliado, Daniel colocou “Dentes Guardados” em *download* gratuito em PDF em seu blog. (RESENDE, 2008. 124). Essa obra tem 81 páginas, mas a leitura não se torna cansativa pela tela do computador. Os 14 contos podem ser lidos separadamente e a linguagem é coloquial, o que faz a leitura fluir com naturalidade. “Dentes Guardados” pode não ser uma obra da internet, por outro lado é uma obra que se adapta sem dificuldades ao novo meio.

Segue abaixo um trecho do primeiro conto do livro, chamado Amor Perfeito. É possível perceber a partir desse trecho, que depois da primeira frase curta e direta, todos os próximos períodos estão em uma frase só, o que leva a uma leitura dinâmica, em que se lêem todas as primeiras informações da crônica de uma vez. Além disso, a linguagem é informal e o texto não dá voltas para apresentar a cena. O fato fica as claras:

Ele tirou minha virgindade. Transamos no meu quarto, noite suarenta de sábado em que meus pais estavam no sítio, uma penetração indolor, lenta e gostosa, e pelo resto da madrugada ele acariciou incansável o meu corpo, venerando tudo, meus peitos que eu temia serem pequenos demais, minha bunda que eu achava mole, meus pés com dedos tortos, eu tinha medo de como os homens julgariam meu corpo, era a minha única ansiedade, e ele desmentiu-a logo em nossa primeira noite de cama.<sup>72</sup>

O terceiro livro do escritor “Mãos de Cavalo” é o primeiro a ser lançado por uma grande editora. Mas mesmo antes disso, o jovem escritor já tinha “Dentes Guardados” traduzido para o italiano e o segundo, “Até o dia que o cão morreu”, de 2003, sendo adaptado para o cinema.

---

<sup>72</sup> Disponível em PDF em <http://www.ranchocarne.org/pdf/dentes.pdf>

A trajetória de Galera é bastante considerável para um autor de 30 anos. Daniel Galera cresceu e passou boa parte da vida em Porto Alegre, até retornar em 2005 a São Paulo, sua cidade natal. Hoje vive em Santa Catarina e exerce principalmente as atividades de escritor e tradutor literário. Após o encerramento do *COL* em meados 2001, Galera fundou a editora Livros do Mal voltada à nova literatura, junto com dois outros colegas também egressos da extinta publicação, Daniel Pellizzari e Guilherme Pilla. Publicou até então quatro livros, além de ter participado em algumas antologias de contos. Em 2006, Galera estreou na Companhia das Letras, quando publicou o seu terceiro romance, "Mãos de Cavalo". Em 2008, Galera publicou o romance "Cordilheira", ambientado em Buenos Aires. O livro foi o primeiro lançamento do projeto Amores Expressos da Companhia das Letras, onde diferentes escritores brasileiros visitaram capitais no exterior para escrever obras de ficção. Em 2008 o livro foi o vencedor do Prêmio Literário Machado de Assis da Fundação Biblioteca Nacional na categoria romance.<sup>73</sup>

Para Galera,<sup>74</sup> a internet contribuiu para dar uma oxigenada no cenário literário brasileiro. "A Internet me ajudou a formar um público leitor antes de eu poder lançar um livro, o que era uma coisa muito difícil até então. Quando eu publiquei o meu primeiro livro de forma independente na Livros do Mal<sup>75</sup>, eu já tinha um público formado através da Internet." Daniel que foi um dos primeiros autores brasileiros a explorar a web como meio de divulgação e laboratório literário, não se considera um escritor da internet. Para ele, a internet é responsável apenas por um aumento gritante do volume de textos produzidos e publicados. Então, para Galera, a sensação de que novos autores possam estar "saíndo" da internet é traiçoeira.

A internet, segundo Daio Borges, editor do site Digestivo Cultural, é o verdadeiro teste para dizer se um autor é bom ou não, publicável ou não. Ele defende em seu artigo "Publicar em papel? Pra quê?" que atualmente existem blogueiros mais famosos do que autores de livros lançados aos montes no mercado editorial. "Na internet, no *blog*, ninguém está olhando para a embalagem que envolve seus escritos; ninguém está ligando para o local onde sua obra foi exposta. Se você for bom, você vai ter leitores, ponto. (Que é o que interessa, no final das contas.)"<sup>76</sup> A internet se coloca como um atrativo do público leitor: a maioria das produções podem ser acessadas sem

---

<sup>73</sup> Informações Wikipédia. Disponível em: [http://pt.wikipedia.org/wiki/Daniel\\_Galera](http://pt.wikipedia.org/wiki/Daniel_Galera)

<sup>74</sup> Entrevista ao site Disruptores

<sup>75</sup> Editora independente na qual Galera era um dos sócios.

<sup>76</sup> Disponível em <http://www.digestivocultural.com/colunistas/coluna.asp?codigo=2277>

custo, as leituras costumam ser dinâmicas (textos que muitas vezes podem ser lidos de forma fragmentada) e existe a possibilidade de um contato mais direto com o autor, através de e-mail ou da ferramenta de comentário do blog.

Clarah Averbuck, por exemplo, depois do mailzine, lançou o blog Brasileira!Preta em 2001, no qual postou durante dois anos. O seu primeiro livro “Máquina de Pinball” foi lançado fora do meio internet, mas a escritora disponibilizou trechos do texto para despertar a curiosidade de leitores. A escritora comenta no seu blog mais atual, - mas também desativado -, chamado Adiós Lounge, sobre o livro: “Algumas partes dele estão no blog. Algumas partes do blog estão nele. Mas ele não é um livro de blog”. O segundo livro de Averbuck “Das Coisas Esquecidas Atrás da Estante” (2003) é uma compilação de alguns posts do blog. Mas mesmo com essa publicação, a escritora não gosta de ser chamada de autora de blog (expressão usada por ela e Galera). Ela afirma que a internet abriu as portas para a literatura, mas não o blog em si.

Ter um blog ajudou a publicar um livro? Não sei. O livro já estava sendo escrito antes do blog existir e as pessoas da editora já eram familiares à minha escrita. Ter um blog ajudou o meu livro a ter mais projeção, isso sim. Mas antes do blog eu escrevia no CardosOnline. E o CardosOnline sim me abriu portas, os olhos e o coração para a literatura. Foi ali que eu vi que realmente queria escrever. Antes disso nem existia blog. O blog, para mim, sempre foi *apenas uma ferramenta*. Não existe literatura de blog<sup>77</sup>

“Das Coisas Esquecidas Atrás da Estante” (com acesso gratuito de 21 páginas através do Google Book) apresenta em cada “post” um relato bem intimista, de blog mesmo, no sentido de diário pessoal. Clarah afirma que o blog enquanto ferramenta, que realmente é, não faz uma literatura própria.

Averbuck defende que o blog não reinventa a literatura. Mas alguns dos textos da autora chegaram a público porque estão disponíveis no *World Wide Web*. Segue um trecho do livro baseado no Brasileira!Preta, no qual se pode ver um texto de cunho bem pessoal:

À Cadmia

Segundo dia de academia e dia do grande blecaute no país todo, do qual ainda não sei muita coisa porque minha única forma de contato com o mundo, o speedy, precisa de eletricidade, e estou

---

<sup>77</sup> Disponível em [http://adioslounge.blogspot.com/2008/02/nome-prprio-o-meu-clarah-averbuck\\_20.html](http://adioslounge.blogspot.com/2008/02/nome-prprio-o-meu-clarah-averbuck_20.html)

aqui usando a rebinha de bateria do notebook para escrever. Apesar da falta de ventiladores na sala de musculação transformar aquilo num verdadeiro inferno ( a única coisa que faltava era ser quente), o blecaute trouxe uma grande vantagem: a ausência total de música. Que alívio.<sup>78</sup>

O professor Paulo Roberto Pires resenhou "Das coisas esquecidas atrás da estante" para o site No Mínimo em 2006. Para ele, o segundo livro de Clarah Averbuck, depois de "Máquina de Pinball" ter virado peça de teatro e filme, mostra um fenômeno que nada tem a ver com crítica.

“Eles testemunham a impressionante aceleração com que circula hoje a literatura, saída de um blog - no caso, o Brasileira!Preta - e rapidamente encaminhada para o circuito tradicional do livro. Se restam poucas dúvidas de que a internet tem papel fundamental na nova paisagem , há enormes interrogações sobre o quanto é determinante para jovens autores que se fizeram conhecer justamente através da web.”<sup>79</sup>

Para Clarah Averbuck, o blog não passa de um meio de publicação. Mas vale lembrar, mesmo assim, que o blog é um meio em que se queimam várias etapas da publicação impressa, já que quem publica é autor e também o editor da obra. Além disso, o que é postado em blog se torna automaticamente público, não precisa ser lançado, ou distribuído, pois já está na rede.

Averbuck começou sua trajetória literária publicando os seus textos na internet. Em Porto Alegre fez apenas um semestre de Letras e um de jornalismo. Em julho de 2001 mudou-se para São Paulo, onde começou a escrever *Máquina de pinball*, publicada no ano seguinte. Em setembro de 2001 criou o blog "brazileira!preta", que chegou a ter mais de 1800 acessos diários. Em maio de 2006, voltou a manter um outro blog, oAdiós Lounge. A partir de então, publicou mais dois livros: *Das coisas esquecidas atrás da estante*, em 2003, da editora 7Letras e *Vida de gato*, em 2004, Editora Planeta. Os textos de Averbuck conseguiram projeção para o teatro e para o cinema. *Máquina de Pinball* ganhou adaptação para o teatro, roteirizado por Antônio Abujamra e Alan Castelo, em 2003. Este e seus outros dois livros também inspiraram o diretor cinematográfico Murilo Salles que, com a ajuda das roteiristas Elena Soárez e

---

<sup>78</sup> Disponível em Google Books.

<sup>79</sup> Disponível em [http://www.7letras.com.br/detalhe\\_livro/?id=152](http://www.7letras.com.br/detalhe_livro/?id=152)



Melanie Dimantas, mais a própria Clarah Averbuck, produziu o filme *Nome Próprio*, em 2006, com Leandra Leal no papel principal.<sup>80</sup>

Depois de Daniel Galera e Clarah Averbuck que vieram do Cadososonline, bem no início da internet, outros três autores que são reconhecidos na cena literária atual e usam a web para fazer uma ponte entre a via eletrônica e a impressa são Ana Paula Maia, Alex Castro e Fabrício Carpinejar. Existem vários autores brasileiros que estão estourando na rede, mas os três foram escolhidos porque trabalham estilos diferentes e, no entanto, cada um consegue o seu espaço junto ao público leitor. Esses escritores ganharam mais visibilidade e contato com os leitores a partir de suas produções na web. O ciberespaço serve para esses autores muitas vezes como uma via de mão dupla: que vai do virtual para o papel impresso e outras mídias e do papel impresso para o virtual.

Resende fala no Literatura sem papel<sup>81</sup> de Ana Paula Maia como uma das apostas da literatura brasileira do século XXI. O folhetim eletrônico “Entre Rinhas de Cachorros e Porcos Abatidos ficou disponibilizado no blog de Maia<sup>82</sup> por mais de um ano. Mas segundo a escritora, os internautas só puderam ler um final ainda provisório. “O Entre Rinhas...” teve cerca de 6 mil visitas no período de 11 meses, maior que a média de tiragem e livros de ficção no país. Ana Paula afirmou que o folhetim foi escrito sem nenhuma preocupação em ser publicado. Ela escreveu o “pulp” na internet depois de finalizar o seu segundo romance em 2005. “ Nesse período, comecei a escrever o pulp, porque todo esse processo de procurar editora demora muito e precisava escoar a produção. Acabei escolhendo a internet porque é um meio direto e rápido”.<sup>83</sup> As novelas foram sendo lançadas aos poucos no site, mas Ana Paula não chegou a publicar o final, a editora Record vai lançar o livro em meados de 2009 e a escritora guardou o fechamento para a versão impressa. Ana Paula explicou que a versão que circulou pela web de 2006 até o final de 2007 é um pouco diferente do livro, além disso, o final foi reservado para a versão impressa.

Trecho do Primeiro capítulo Entre Rinhas e Porcos Abatidos:

Havia feito planos para sair mais cedo, ir ao bar do Cristóvão, fazer algumas apostas em Chacal, um cão enjeitado pelo demo, que já havia arrancado a cabeça de Gepeto que tinha o dobro de seu tamanho e encontrar Rosemary, sua noiva. Mas isso não era

---

<sup>80</sup> Referências do Wikipédia. Disponível em: [http://pt.wikipedia.org/wiki/Clarah\\_Averbuck](http://pt.wikipedia.org/wiki/Clarah_Averbuck)

<sup>81</sup> Contemporâneos. 2º Capítulo.

<sup>82</sup> Disponível em <http://www.killing-travis.blogspot.com/>

<sup>83</sup> Disponível em <http://www.portalliterat.com.br/artigos/quanto-mais-pulp-melhor>

novidade, pois todas as sextas são iguais e de modo algum Edgar Wilson se importa com a rotina em que vive. Aqui no subúrbio, quente e abafado, esquecido e ignorado, nos fundos de um mercadinho cheirando a barata, não existe desconforto maior do que o carregamento de porcos atrasar e expectativa maior do que vê-los, todos, pendurados por ganchos no frigorífico.<sup>84</sup>

O primeiro trecho do folhetim já traz uma idéia do que está por vir, Resende comenta que Quentim Tarantino fica quase bem comportado perto desse texto de Ana Paula Maia. A escritora “pega pesado na violência, na imundice, na podridão, no fétido, no perverso, no porco. Porque são porcos mesmo, os bichos, parte dos personagens que dividem o espaço narrativo com abatedouros de porcos, trambiqueiros e prostitutas. (RESENDE 2008, 142). Resende destaca ainda que estéticas textuais como esta encontram um caminho mais difícil para chegar às livrarias, já que nem sempre as literaturas “mais consumíveis” alcançam um espaço.

A web, no caso do folhetim de Maia, veicula e até mesmo coloca em prática a repulsa como forma de experiência estética e, além disso, consegue buscar e atrair um público novo. “Depois da circulação intensa do folhetim pulp pelo mundo virtual, depois de merecer uma resenha publicada – em papel- pelo jornal O Globo” a obra sai do computador e migra para o impresso. A diferença para os editores é que obras como essa já vão para as prateleiras com o conhecimento e admiração de um público.(RESENDE 2008: 143)

Ana Paula Maia nasceu em 1977 no Rio de Janeiro. Estudou na CAL, Escola de Artes de Laranjeiras, aos 16 anos, mas não terminou o curso. Depois se formou em publicidade. Em 2003, publicou o seu primeiro romance: *O habitante das falhas subterrâneas* pela editora 7Letras. O seu segundo Romance *A guerra dos bastardos* foi publicado em 2007 pela editora Língua Geral, mas estava pronto desde 2005 a espera de editora. Em 2006, Maia não quis esperar uma editora e publicou pela internet o *Entre rinhas de cachorros e porcos abatidos*. Agora em 2009, a escritora lança o seu terceiro livro, baseado no texto já publicado no folhetim, por uma editora de peso: a Record.

O próprio autor, para Daio Borges, a partir da entrada de textos na internet e com possibilidades de suportes para a publicação, “não precisa mais esperar por um editor, para ter seus escritos publicados. Nem precisa de alguém para distribuir, para divulgar. Só precisa ter leitores; ou seja, como qualquer escritor (publicado ou não),

---

<sup>84</sup> Disponível em [http://entrerinhasdecachorroseporcosabatidos.blogspot.com/2008\\_08\\_01\\_archive.html](http://entrerinhasdecachorroseporcosabatidos.blogspot.com/2008_08_01_archive.html)

precisa ir conquistando leitores aos poucos.”<sup>85</sup> Com a conquista desse público, novos autores podem ir surgindo naturalmente no mercado. Já que Daio Borges acredita ser muito mais difícil um autor desconhecido alcançar, e também conseguir sair das prateleiras, do que um escritor que já tenha atraído interessados para a sua obra.

O poeta Fabrício Carpinejar, que tem livros publicados e mantém um blog atualmente, lançou uma coletânea de crônicas em 2006 - “O Amor Esquece de Começar” - a partir de posts do seu blog. O poeta é hoje um dos mais acessados e lidos em termos de poesia na internet. Para Carpinejar, a comunicação com o público ajuda a desmistificar a poesia para os mais jovens. “Não adianta não comunicar nossas experiências. Eu acho que a gente está num tempo rápido, tem que aproveitar a clareza e a claridade. Há que se tirar proveito dela”.<sup>86</sup>

Carpinejar é poeta, cronista, jornalista e professor, com mestrado em literatura brasileira. O escritor já publicou treze livros, sendo oito de poesia. Com as suas obras já recebeu vários prêmios, entre eles: Cecília Meireles 2002, da União Brasileira de Escritores (UBE); Olavo Bilac 2003, da Academia Brasileira de Letras; e Érico Veríssimo 2006, da Câmara Municipal de Vereadores de Porto Alegre.

Um dos pontos de Carpinejar com o blog é a comunicação com o público. O poeta é aberto ao feedback do seu trabalho a partir do próprio interessado: o leitor. Além disso, o poeta costuma trabalhar com temas corriqueiros, o que também facilita uma aproximação entre o autor e o público.

#### Trecho do Livro O Amor Esquece de Começar:

Não conheço algo mais irritante do que dar um tempo, para quem pede e para quem recebe. O casal lembra um amontoado de papéis colados. Papéis presos.  
Tentar desdobrar uma carta molhada é difícil. Ela rasga nos vincos. Tentar sair de um passado sem arranhar é tão difícil quanto. Vai rasgar de qualquer jeito, porque envolve expectativa e uma boa dose de suspense.  
Os pratos vão quebrar, haverá choro, dor de cotovelo, ciúme, inveja, ódio. É natural explodir. Não é possível arrumar a gravata ou pintar o rosto quando se briga. Não se fica bonito, o rosto incha com ou sem lágrimas.<sup>87</sup>

---

<sup>85</sup> Disponível em <http://www.digestivocultural.com/colunistas/coluna.asp?codigo=2277>

<sup>86</sup> Entrevista disponível no blog de Carpinejar.

<sup>87</sup> Disponível em <http://www.pensador.info/frase/NDaZOTUy/>

O tema de Carpinejar e a linguagem prosaica aproximam o poeta do leitor. Em acesso ao seu blog é possível perceber que temas do dia-a dia fazem parte do repertório do poeta. O amor, a família, a escrita e, tudo isto com figuras poéticas – quadros, charges etc., completam o sentido textual de cada crônica ou poesia. Carpinejar parece se aproximar do público com a simplicidade de seus temas e a clareza dos textos e, com isso, é possível que um público novo “conectado” em seu blog, se interesse, então, como antes havia defendido Daio Borges, em comprar seus livros.

Alex Castro escritor carioca (atualmente residindo nos EUA) e titular do *blog Liberal – Libertário – Libertino*, de 2003, também acha que é possível tirar proveito dos blogs para aproximar-se do leitor e divulgar os trabalhos. “Hoje, já acho imprescindível esse contato de um escritor com seu público que a internet permite. O escritor que não usa desse recurso está se limitando e se isolando, está se comportando como um surdo que não quer ouvir seu público.”<sup>88</sup> Um dos livros de Alex Castro, *Radical Rebelde Revolucionário*, está disponível apenas em versão e-book, ou seja, se paga um valor e a obra é enviada em PDF. Mas apesar disso, o escritor disponibiliza em seu blog algumas crônicas do livro para serem lidas de graça.

No e-book Castro escreve as suas impressões de Cuba, as curiosidades, as pessoas que conheceu, e tudo através de crônicas. Ele estabelece no seu texto um diálogo com o leitor e traz uma visão subjetiva sobre o país. Além das crônicas serem curtas, e com o adicional da linguagem mais informal, o texto não cansa quem lê, e dá para ser lido rapidamente. No blog, o escritor ainda abre espaço para comentários sobre cada crônica que está aberta para a leitura de graça..

Mas, Alex Castro assim como Clarah Averbuck declara que também não acredita em literatura de blogs<sup>89</sup>. O fato é que o autor foi baixado com o romance “Mulher de um homem só”, trinta mil vezes, durante os três anos em que esteve disponível gratuitamente na internet, um número bem significativo. E foi ainda um dos primeiros autores a ser resenhado pelo suplemento literário do O Globo, *Prosa e Verso*, quando o jornal começou a dedicar espaço para resenhar obras exclusivamente publicadas na web.

No entanto, o escritor admite que a internet já deu bem mais leitores e bem mais dinheiro do que ele conseguiria publicando por uma editora tradicional. “Só falta

---

<sup>88</sup> Site Digestivo Cultural. Disponível em:

<http://www.digestivocultural.com/colunistas/imprimir.asp?codigo=2223>

<sup>89</sup> Para Averbuck, Galera e Castro o blog é um veículo e não existe uma estética literária de blog.

mesmo o reconhecimento dos meus pares – outros escritores, professores de letras, jornalistas culturais, os literatos em geral.”<sup>90</sup> Além de a internet apresentar escritores a um público leitor que está disposto a ler obras na tela, é possível lucrar através de publicações virtuais. O escritor que está na web tem em mãos não só uma nova ferramenta, como também um novo mercado em construção e ainda mais tem no computador em rede possibilidades de expressão não executáveis fora do meio virtual.

O autor Samir Mesquita, formado em publicidade, faz uma ponte entre a internet e o meio impresso diferente dos outros escritores citados anteriormente. Ele tem duas obras no mercado, vendidas em livrarias, mas nenhuma das duas em forma de livro tradicional. O autor escreve microcontos e os coloca em suportes inusitados.

O primeiro livro, Dois Palitos, é uma obra com 50 microcontos, cada conto com até 50 letras, sem contar o título, vendido em uma caixa de fósforos. O autor usa a internet para divulgar as suas obras. No site aparece uma caixa de fósforos fechada, o internauta clica na caixa e o fósforo é riscado. Tudo isso é feito de forma animada, com os cliques, a caixa de fósforos vai riscando todos os palitos e apresentando para o leitor alguns dos microcontos que estão no livro, como este:

Era hora de dar um salto na vida.

Escolheu a janela do 10º andar.

Para Samir Mesquita microconto é literatura *fast-food*. Ele disse em entrevista, que Dois Palitos vendeu (no formato de caixinhas de fósforo) 5 mil cópias, e poder ser lido em três minutos apenas. Samir Mesquita apresenta microcontos para um leitor que quer ganhar tempo. E na internet ele encontra um nicho deste público.

O segundo livro de Mesquita tem relação com os carros, mas não com a velocidade, e sim, com o trânsito da era moderna. Em “18:30”, horário de rush do tráfico paulista, o leitor também encontra um formato diferente. “É um livro-mapa com um grande congestionamento feito de carrinhos de miniatura. Em cima de cada carrinho desses tem um microconto, que reflete o que cada pessoa está dizendo ou pensando durante o congestionamento”. Samir no lugar de vender o livro vai trocar por algum outro que queira. “Em meu site, o livro não será vendido e sim trocado por outros livros. Ao invés da pessoa me pagar em dinheiro vai me pagar com outro livro.”

---

<sup>90</sup> Disponível em <http://www.digestivocultural.com/colunistas/imprimir.asp?codigo=2223>

Na internet qualquer um pode produzir e colocar no ar, não existe a escolha do editor assim como a obra que vai para a livraria. Mas, Beatriz Resende diz que qualquer freqüentador de livrarias ou usuário de internet sabe que há quase tanto lixo nesse meio quanto nos balcões de livrarias, ou mais sério ainda, na famosa lista dos mais vendidos. (RESENDE 2008, 137)

#### 4.4.2 SITE CRONÓPIOS: ESPAÇO PARA A EXPRESSÃO LITERÁRIA

Inevitavelmente o espaço que a web oferece à escrita seria usado por todos aqueles que desejam publicar seus textos. Mais do que isso, torna-se rapidamente uma maneira de autores fazerem seu material circular. Sugem então, além dos blogs, como possibilidade de prática escrita submetida a comentários, de forma imediata, colaborações e críticas, os diversos sites que passam a assumir com grande economia, o lugar de revistas ou suplementos literários cada vez mais raros. (RESENDE 2008, 136)

Além da produção de literatura nos blogs, os sites também assumem de diversas maneiras um espaço para a literatura brasileira, seja ela contemporânea ou não, no meio internet. Os sites são os modelos de página tradicional da web, enquanto os blogs são páginas que costumam expressar a opinião dos próprios autores, não necessariamente o blog é um diário, mas um lugar em que pessoas “postam” as suas idéias e opiniões organizados em datas e anos.

O Cronópios foi fundado em 2005 e é dirigido por Edson Cruz, editor, e Pipol, programador e webdesigner. O site é considerado uma das principais páginas no Brasil para a literatura. O Cronópios não se limita a textos para divulgar produções literárias já que a página é composta de *podcasts* e vídeos – com a TV Cronópios – e obras animadas principalmente para o Cronopinhos, que é uma página agregada ao site, voltada para crianças. O Cronópios, dentro do meio virtual, escolhe vários suportes para apresentar e realizar a literatura.

Edson Cruz disse em entrevista ao Digestivo Cultural, que o Cronópios nasceu com a vocação de apresentar e discutir a produção de tantas pessoas que fazem literatura no país hoje e não tem um espaço para mostrar.

Para Daio Borges, que entrevistou Pipol e Edson, o papel de um *site* de literatura é provocar a discussão dos autores, das grandes questões, dos livros relegados pelo jornalismo cultural viciado, dos textos (grandes ou não) que nutrem a sua época. “Vivemos um pós-modernismo “pós-utópico”, onde as verdades estabelecidas foram

abaladas em seus fundamentos. A literatura, com alguma qualidade, vai refletir naturalmente essas questões... Não creio que a literatura feita pela "nova geração" tenha diluído as bases da "literatura brasileira".<sup>91</sup>

Para Pipol, em breve a cultura toda será digital. Ele acredita que o mundo precisa dessa grande economia de papel. “E será um movimento cada vez mais forte, daqui pra frente... Tudo o que puder ser transformado em produto digital... assim o será!”<sup>92</sup>

O site que começou apenas com Pipol e Edson, hoje já tem mais de 45 colonistas, entre eles os poetas Chacal e Fabrício Carpinejar, além do apoio de uma editora.

No site Cronópios existem diferentes espaços para discutir cultura e literatura. A página disponibiliza os temas: artigos, ensaios, críticas, resenhas, prosa, poesias, internet e o espaço de comentários, colaborativo, o Café Literário. Além da revista Mnemazine, a TV Cronópios e o Cronopinhos.

Para se pensar questões mais recentes como a questão da internet e da literatura, não é difícil achar o assunto no site. O Cronópios tem como slogan – Literatura e arte em meio digital. Por isso, talvez além de espaço em meios aos artigos, críticas e poemas, a internet tem um lugar no site, um link que relaciona a arte literária e a internet.

Um artigo do mês de maio chamado “Net: desagradados e lamentos”, escrito pela jornalista Branca Ferrari, discute a padronização do conteúdo dos jornais como uma abertura para a escrita na internet: “É aí que entra o espaço aberto pelos blogs e também pelos sites. Eles não tiraram nada de ninguém. Ocuparam o que estava vazio. Seja no campo da política, da economia, da educação ou da cultura. E criaram o que nenhum jornal, revista, TV, universidade permite no mundo, a diversidade de opiniões, de debate, de enfoque, de tratamento. Era tudo o que as pessoas estavam procurando”<sup>93</sup>.

O Cronópios alcança um público interessado em todo tipo de interação com a arte e a internet. O projeto Mnemosine, que se remete ao conceito grego de Memória, é, segundo o editorial da revista, uma “espécie de painel intemporal que reúne artigos críticos e ensaios, criações inéditas de autores contemporâneos (nas áreas de poesia e de prosa)...” Em cada edição, a revista foca em um personagem do mundo literário e

---

<sup>91</sup> Acesso em <http://www.digestivocultural.com/entrevistas/entrevista.asp?codigo=23>

<sup>92</sup> Acesso <http://www.digestivocultural.com/entrevistas/entrevista.asp?codigo=23>

<sup>93</sup> Acesso em <http://www.cronopios.com.br/site/internet.asp?id=3983>

procura “trazer à luz, algumas façanhas confinadas às prateleiras.”<sup>94</sup> É difícil descrever uma revista em animação sem recursos animados, apenas com palavras. Pipol e Edson constroem um projeto que não tem como acontecer apenas fora da tela. E isso não é porque viramos a página com um toque no mouse ou letras e textos piscam. Na Mnemosine mais recente, com o poeta Augusto de Campos<sup>95</sup>, o leitor interage com o texto, o som e a imagem que se constrói ao longo das páginas.

Na revista não há apenas Augusto de Campos, mas poemas e obras que conversam de alguma forma com a produção do poeta. As primeiras páginas da revista são dedicadas a uma entrevista com o próprio Augusto de Campos, mas logo em seguida, o poema “Osso” se constrói na tela, letra por letra, ele se faz e se desfaz no computador.

A Mnemosine traduz em uma revista o que talvez nenhuma outra de papel poderia fazer pelo movimento concretista, que valoriza novas maneiras de expressão, com destaque para a forma e a comunicação visual. O próprio Augusto de Campos lê, em uma das páginas da revista, um trecho do texto de James Joyce, traduzido por ele, *Finnegans Wake*. Na Mnemosine, é possível ler, ouvir, e ver o poeta em movimento no computador.

A revista de número quatro fecha as suas 141 páginas, com música. A “Rádio Mnemosine” tem como foco o próprio Augusto de Campos e coloca ao acesso do “internauta-ouvinte”, músicas, com letras, ou interpretações do poeta ou que tenham ligações afetivas com a obra dele, entre elas, “Samba Completo” e “Chegou a Noite” de Eurico de Campos, pai de Augusto e Haroldo Campos.

O que vemos na revista e em outras construções que serão descritas a seguir, é que o computador em rede traz possibilidades estéticas que não teriam como ser reproduzidas fora da tela. A interação com as linguagens que a internet proporciona, com revistas, rádio, tv jornal, livros, são difíceis de ser alcançadas por outro suporte.

A Tv Cronópios continua de alguma forma o projeto do site que pretende cobrir com várias linguagens, cultura e literatura na internet. A TV começou a funcionar no início de 2007, e suas características mais atraentes, segundo Pipol e Edson, são a atitude iconoclasta e a proposta de ser um laboratório de linguagem televisiva para a web.

---

<sup>94</sup> Editoria Revista 1. Acesso em <http://www.cronopios.com.br/mnemosine1/>

<sup>95</sup> Revista Mnemosine 4. Acesso em <http://www.cronopios.com.br/mnemosine4/interface.html>



Além disso, o Cronópios está transmitindo um programa quinzenal, com uma hora de duração, direto da Livraria Martins Fontes, com a qual o site tem parceria. O “Stand-up Literatura” conta com um autor convidado por programa, que prepara um *set list* de textos seus para serem lidos “em pé” (com ou sem música; com ou sem convidados), diante de uma platéia e com transmissão ao vivo pela TV Cronópios. O público participa no local e também por meio de chat na Internet. Após a apresentação o escritor responde a perguntas do público presente e do chat.

O Cronópios também tem uma página agregada voltada para o público adolescente e infantil. “O Cronopinhos é uma proposta de site alegre, criativo e aberto a inovações, onde os autores podem experimentar, desenvolver e testar conteúdos para o público infantil”, afirmam os editores do site. Eles chamam o Cronopinhos de “literatura para menores conectados e maiores amolecados”. A página é agregada ao site Cronópios, mas é um projeto por si só.

O site pretende estimular o interesse de crianças e adolescentes, grandes responsáveis pela efervescência atual da Internet, em arte e literatura, o Cronopinhos traz informações sobre lançamentos de livros, textos de autores renomados sobre o universo infantil, ilustrações para que as crianças criem novas, histórias em áudio e jogos on-line.

No link “Lançamentos” é possível encontrar produções literárias infantis de escritores que já trabalham na área de literatura infanto-juvenil e disponibilizam textos no Cronopinhos. No link “Espírito Crítico” há o que eles chamam de minientrevistas, discussão sobre a literatura infanto-juvenil, e também oficina de criação poética.

Além disso, os editores também fazem do Cronopinhos um lugar de experimentação das estéticas literárias. No site, o suporte internet não apresenta só a literatura escrita. No “Ouvindo Histórias”, não há imagens e nem texto, a narrativa é contada oralmente e sai pelo som do computador. E no “Games e Traquitanas” tem textos com fotos, no qual as imagens ganham destaque e também em um dos games, o leitor com alguns cliques pode escolher e ouvir os rumos de uma história.

O Cronopinhos, segundo Pipol e Edson, também tem a finalidade de servir como base experimental para que autores que nunca escreveram para crianças tenham interesse por esta área da literatura.

O portal Cronópios é um site que experimenta a internet e as diversas possibilidades de interação com a literatura. As propostas do Cronópios para este ano que reforçam a idéia de Pipol: “Tudo o que puder ser transformado em produto digital...

assim o será”. O site parece não querer deixar nada de fora e quem sabe, como disse Resende, “assumir com grande economia, o lugar de revistas ou suplementos literários cada vez mais raros.”<sup>96</sup> E ainda outros espaços ainda não explorados na internet.

Em 2009 o Portal Cronópios completou 4 anos e já está de olho no espaço que cultura ainda pode ter na internet. O Portal disponibilizou no site os projetos a serem realizados ainda neste ano. Segue abaixo alguns novos sites do Portal Cronópios com base no Plano de ação apresentado pelos editores<sup>1</sup>.

“Fonte”: site dedicado à Arte da Entrevista. “Este site surge para organizar melhor e valorizar as colaborações no formato entrevista que chegam com frequência ao Cronópios.”

“Cronópios Acadêmico”: site dedicado à Produção Acadêmica brasileira, vai site procurar seguir os fundamentos e padrões de uma publicação científica, tornando o uso das informações e a pesquisa mais úteis e relevantes. Será uma página com foco na divulgação da produção acadêmica ligada ao mundo das letras, artes e cultura em geral.

“Tenda”: escola Online de Letras e Artes. Através da internet os avanços do sistema da teleconferência o Portal Cronópios pretende oferecer ensino à distância.

“Nave”: site dedicado à ficção científica brasileira. “No Brasil a Ficção Científica é tratada como um gênero menor da Literatura. Pouquíssima editoras publicam FC brasileira. Com este site o Portal Cronópios quer modificar essa percepção. Além da produção criativa, o site terá áreas de reflexão com artigos, críticas, ensaios e releases de autores e lançamentos.”

“Agência Cronópios de Notícias”: trata-se de um site com estrutura de funcionamento independente, com jornalista responsável e colaboradores que vão sempre analisar e checar as informações do meio cultural que vão chegando do Brasil todo.

Nuvem: Editora e Incubadora de revistas e livros digitais. Um serviço de publicação virtual para revistas e livros. Oferece a tecnologia Flash Flip, um software proprietário adquirido pelo Cronópios. Com será possível visualizar na tela do computador revistas e livros como se fossem objetos reais de papel, inclusive com a possibilidade de se “folhear” as páginas. Ao oferecer esse sistema de publicação, o Portal Cronópios espera incentivar o aparecimento ou mesmo a reativação de inúmeras revistas literárias e culturais de todo o país.

---

<sup>96</sup> Disponível em: <http://www.digestivocultural.com/entrevistas/entrevista.asp?codigo=23>

“Cronópios.FM”: site dedicado à produção criativa em base sonora. Site criado para reunir projetos especiais como podcasts e rádios online.

“Infinitude”: site especializado em Internet, comportamento e cultura digital. O site Infinitude tentará acompanhar essa célere revolução em curso, publicando artigos, ensaios, entrevistas, estatísticas, debates, etc.

“Cineclub 2.0”: site dedicado à exibição de curtas-metragens, trailers de filmes e artigos relacionados ao mundo do cinema. Usando o YouTube como plataforma de publicação e distribuição, os filmes serão organizados e exibidos em videoplayer próprio do site Cineclub2.0.

O site Cronópios pretende com os novos planos de ação reunir cada vez mais diferentes mídias na tela do computador. A internet como espaço de produção literária, no Cronópios, e também nos blogs, possibilita a reunião de um número ainda inimaginável de maneiras de comunicação.

## 6.0 CONCLUSÃO

A literatura pode se adequar e se transformar, de acordo com o suporte que ela é expressa. A entrada da internet na literatura, ainda é um assunto recente que tem sido discutido em seminários como “Literatura sem papel”, na UFRJ em 2007 e 2008.

A pesquisa de suportes e resultados dos mesmos para a literatura não fica aqui finalizada. O meio tecnológico está em efervescência e a literatura ainda está entrando em contato com as novas tecnologias. O Brasil publica inclusive, desde o fim do ano passado, por exemplo, livros exclusivos para a leitura no celular.<sup>97</sup> Os leitores, além de baixarem as obras de graça sem necessidade de cadastro, podem comentar, colaborar e até doar dinheiro para os autores, através da editora. Ou seja, não é possível ainda saber em todos os suportes digitais que a literatura pode se manifestar.

O avanço da sociedade leva a essa discussão das formas artísticas nos novos suportes. A literatura, como visto, pode estar dentro e fora do papel. Por enquanto ainda há público para todos os formatos – jornal, capa dura, brochura, livro de bolso e download.

Resende diz em seu livro que a literatura brasileira vive hoje na era da multiplicidade. A fertilidade dessa forma de expressão é algo, para a autora que salta aos olhos. O jornal, o livro, a internet, meios impressos e não impressos, proporcionam à literatura suportes para chegar a vários lugares. Todos esses espaços vão levar aos leitores de diferentes formas e alcançá-los cada vez mais, de diversas maneiras, seja divulgação dos livros, pelas leituras de obras no suporte livro, ou pelo e-books, sites, blogs ou folhetins eletrônicos.

Neste trabalho não se pensa o fim do livro, do jornal ou dos meios impressos em geral. A literatura na internet é uma dúvida ainda, não se pode dizer qual será a evolução da técnica literária diante de todas as ferramentas que o computador em rede proporciona.

A literatura no meio digital tem disponível para si interação, hipertexto, intertextualidade e a união de tecnologias e conceitos que não são possíveis fora do meio digital. A revista Mnemosine, por exemplo, do site Cronópios, em homenagem a Augusto de Campos, não é possível fora da tela. Textos que trabalham com o comentário e a opinião direta do leitor não são possíveis fora da tela.

---

<sup>97</sup> Editora Plus. <http://editoraplus.org/catalogo/>

A literatura é realizada em vários suportes e assim como a TV não acabou com o rádio e jornal não acabou com o livro, pode-se pensar que tampouco este acabará com a arte literária na internet ou vice-versa. Aos poucos cada um deverá reconhecer e estabelecer o seu novo espaço diante dos avanços tecnológicos que acontecem.

A internet se mostra como uma promessa para a literatura, que vai “brigar” com outros suportes para também dar espaço e apoio a novos e reconhecidos autores, artigos e resenhas, e tudo o mais que o público leitor esteja interessado em encontrar.

A literatura brasileira no século XXI se movimenta, seja no livro, jornal, computador, celular, ou qualquer outra mídia passível de se veicular um texto. As próprias editoras se aproveitam da convergência de mídias para divulgar livros, pelo *YouTube*, sites e blogs e também descobrir autores novos que já construíram algum público na internet.

O que se percebe agora é que a estética literária não conversa só com os “Letrados”, ao contrário, alguns desses sites são conhecidos pelo público comum e ainda não são acompanhados por professores e estudiosos da arte literária.

A convergência de mídias afeta o mercado, os leitores e o próprio escritor. A liberdade de ler sem gastar papel e, muitas vezes, sem pagar, a possibilidade de divulgar o material em todo o mundo e de o autor ser também o editor, promovem variações na literatura.

Apesar das mudanças que a web acarreta, e isso não só para a literatura, o espaço do jornal continua sendo de prestígio. Sair em um suplemento literário como o Prosa e Verso ainda é bastante desejado. E a maioria dos escritores, mesmo os que publicam na internet, buscam também o seu espaço no meio impresso, no suporte consagrado para a leitura de obras que é o livro.

A internet se mostra portanto, como uma fonte de renovação da literatura, e renovação não no sentido de jogar fora o que já existe, mas de trazer coisas novas, adicionar linguagens, autores e formas de expressão e o que mais esse meio puder oferecer de possibilidades para a arte.

Embora os possíveis pontos negativos do computador para o texto, como difusão de muitos autores ruins junto com os bons, leitura cansativa e muitas vezes fragmentada, além de não se ter a materialidade da obra, vale pensar que o meio digital não se coloca frente a literatura como uma superação dos outros suportes, mas como um elemento a mais e diverso para a prática literária.

Os e-books, revistas online, blogs, textos animados e sites literários ainda são experimentações para a literatura muito recentes para que se possa determinar um futuro para a estética literária na tela.

## REFERÊNCIAS

- ALENCAR, José de. **Como e porque sou romancista**. Disponível em: <http://elizianecoracao.wikispaces.com/Como+e+porque+sou+romancista> 14/04/2009
- ARNT, Hérís. A influência da literatura no jornalismo: O folhetim e a Crônica. Rio de Janeiro, E-papers, 2001.
- AVERBUCK, Clarah. **Nome Próprio**. Blog Adiós Lounge. Disponível em: [http://adioslounge.blogspot.com/2008/02/nome-prprio-o-meu-clarah-averbuck\\_20.html](http://adioslounge.blogspot.com/2008/02/nome-prprio-o-meu-clarah-averbuck_20.html) Acesso em 20 04 09
- Resenhas “**Das Coisas Esquecidas atrás da Estante**” Disponível em: [http://www.7letras.com.br/detalhe\\_livro/?id=152](http://www.7letras.com.br/detalhe_livro/?id=152) Acesso em 20 04 09
- BELLEI, Sérgio Luiz Prado. **O livro, a literatura e o computador**. São Paulo: EDUC; Florianópolis, SC, 2001.
- BIONDO, Thiana. “[Brazil: Beyond cyberspace - when blogs move offline](http://globalvoicesonline.org/2009/03/29/brazil-beyond-cyberspace-when-blogs-move-offline/)”. Global Voices. Acesso em <http://globalvoicesonline.org/2009/03/29/brazil-beyond-cyberspace-when-blogs-move-offline/> 23 04 09
- BORGES, Julio Daio. “**Publicar em papel? Pra quê?**”. Digestivo Cultural. Acesso em <http://www.digestivocultural.com/coronistas/coluna.asp?codigo=2277> 20 04 09
- BROCA, Brito. **A vida literária no Brasil – 1900**. 5.Ed. José Olympio. Rio de Janeiro, 2005.
- CASTELLS, Manuel. **A galáxia da Internet: Reflexões sobre a internet, os negócios e a sociedade**. Tradução, Maria Luiza X. de A. Borges. Revisão técnica, Paulo Vaz. Rio de Janeiro, Jorge Zahar. Ed.2003.
- CHARTIER, Roger. Entrevista Multirio. 2001, Eliane Bardanachvili. Acesso em [http://www.multirio.rj.gov.br/portal/riomidia/rm\\_entrevista\\_conteudo.asp?idioma=1&id\\_Menu=&label=&v\\_nome\\_area=Entrevistas&v\\_id\\_conteudo=51218](http://www.multirio.rj.gov.br/portal/riomidia/rm_entrevista_conteudo.asp?idioma=1&id_Menu=&label=&v_nome_area=Entrevistas&v_id_conteudo=51218)
- COSTA Cristiane. **Pena de Aluguel**, Companhia das Letras, São Paulo, 2005.

COELHO, Paulo. Entrevista Newsweek. Acesso em:  
<http://www.newsweek.com/id/108715>

COELHO, Paulo. Site oficial <http://www.paulocoelho.com.br/port/>

Cronópios. Site disponível em: [www.cronopios.com.br](http://www.cronopios.com.br)

**Projeto 2009** Disponível em: <http://www.cronopios.com.br/site/artigos.asp?id=3879>

Acesso em 20 04 09

**Net: Desagrados e Lamentos.** Disponível em

<http://www.cronopios.com.br/site/internet.asp?id=3983> Acesso em 20 04 09

CROSNIER, Hervé Le. **Bibliotecas Digitais In Desafios de Palavras: Enfoques Multiculturais sobre as Sociedades da Informação.** 2005. C & F Éditions. Acesso em <http://vecam.org/article628.html> 26 04 09

DAIO, Borges Júlio. **Daniel Galera.** Disponível em:

<http://www.digestivocultural.com/entrevistas/imprimir.asp?codigo=2> Acesso em 20 05 09

Digestivo Cultural. **Autores Novos.** Disponível em:

<http://www.digestivocultural.com/especial/especial.asp?codigo=33> Acesso 04 04 09

Digestivo Cultural **A literatura, a internet e um papo com Alex Castro.** Disponível em: <http://www.digestivocultural.com/colunistas/imprimir.asp?codigo=2223> Acesso em 15 05 09

EL FAR, Alessandra. **A disseminação do livro e da leitura no Rio In** Páginas de Sensação.. São Paulo: Companhia das Letras, 2004.

FERRARI, Pollyana. **Hipertexto Hipermídia – As novas ferramentas da comunicação digital. Da Rigidez do Texto à Fluidez do Hipertexto “In”.** Ed Contexto. p 69-90

Folha online. **E-zine Cardosonline completa dez anos** Disponível em:

<http://www1.folha.uol.com.br/folha/informatica/ult124u446925.shtml> Acesso em: 28 05 09

LAJOLO, Marisa e Zilberman Regina. **A formação da leitura no Brasil.** Editora Ática. São Paulo, 1996.

LAJOLO, Marisa e Zilberman Regina. **A leitura rarefeita, livro e literatura no Brasil.** Editora brasiliense. São Paulo, 1991.



LÉVY Pierre. **O que é Virtual**. Ed. 34. São Paulo, 1996. 1ª Edição (8ª reimpressão)

MACHADO, Arlindo. **Fim do livro?** Acesso em [http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0103-40141994000200013&script=sci\\_arttext](http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0103-40141994000200013&script=sci_arttext)

MACHADO, Ubiratan. **A vida Literária no Brasil durante o Romantismo**, Ed UERJ. Rio de Janeiro 2001.

MAIA, Ana Paula. Blog Killing Travis. Disponível em: <http://www.killing-travis.blogspot.com/>. Acesso em 05 03 09

MESQUITA, Samir. **Dois Palitos**. Disponível em <http://www.samirmesquita.com.br/doispalitos.html> Acesso em 05 04 09

PARENTE, André. **O hipertextual**, *Revista Famecos*, nº 10, 1999. Disponível em <http://www.pucrs.br/famecos/pos/revfamecos/10/Parente.pdf>, 30/02/2009

REIS, Ana. **O romance de folhetim no Brasil do século XIX – modelos e inovações** Acesso em: [www.caminhosdoromance.iel.unicamp.br/estudos/abralic/textos/ana\\_reis.doc](http://www.caminhosdoromance.iel.unicamp.br/estudos/abralic/textos/ana_reis.doc)

RIBEIRO, Ana Paula Goulart. **Imprensa e História no Rio de Janeiro dos anos 1950**. Rio de Janeiro, E-papers, 2007.

RIBEIRO, Ana Paula Goulart. **Jornalismo, literatura e política: a modernização da imprensa carioca nos anos 1950**. <http://www.cpdoc.fgv.br/revista/arq/345.pdf> 14 04 09

SALES, Alessandro. Entre o jornalismo e a literatura: a Belle Époque e o New Journalism no Brasil. Disponível em: [http://www.facasper.com.br/cip/communicare/6\\_0/pdf/08.pdf](http://www.facasper.com.br/cip/communicare/6_0/pdf/08.pdf)

SANTIAGO, Silviano, Ensaio, UFF. **Crítica Literária e Jornal na Pós-Modernidade**. [http://www.letras.ufmg.br/poslit/08\\_publicacoes\\_txt/ale\\_01/ale01\\_ss.pdf](http://www.letras.ufmg.br/poslit/08_publicacoes_txt/ale_01/ale01_ss.pdf) 16/03/2009

SEVCENKO, Nicolau. **Literatura Como Missão**, Editora Brasiliense. São Paulo 1999.

SPYER, Juliano. **Conectado**. Zahar. Ed. 2007.

SÜSSEKIND, Flora. **Cinematógrafo de Letras: literatura, técnica e modernização no Brasil**. Companhia das Letras. São Paulo, 1987.

TRAVANCAS, Isabel. **O Livro no Jornal**. Ateliê Editorial. São Paulo, 2001.

VIEGAS, Ana Cláudia. **Escritas on-line: novos modos de circulação da literatura contemporânea**.

[www.avatar.ime.uerj.br/cevcl/artigos/Textos%20Abralic%20\(Ana%20%20Claudia\).doc](http://www.avatar.ime.uerj.br/cevcl/artigos/Textos%20Abralic%20(Ana%20%20Claudia).doc)  
22/08/08

VIEGAS, Ana Cláudia **Da página à tela - ou vice-versa**

[http://publique.rdc.puc-rio.br/revistaalceu/media/alceu\\_n8\\_Viegas.pdf](http://publique.rdc.puc-rio.br/revistaalceu/media/alceu_n8_Viegas.pdf), 20/08/08